

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO JORNALISTA NO
PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER, DA REDE GLOBO**

Paloma Driemeyer Valandro

Lajeado, junho de 2016

Paloma Driemeyer Valandro

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO JORNALISTA NO
PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER, DA REDE GLOBO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Ms. Rozana Ellwanger

Lajeado, junho de 2016

Paloma Driemeyer Valandro

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO JORNALISTA NO
PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER, DA REDE GLOBO**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Prof. Ms. Rozana Ellwanger
Centro Universitário Univates

Prof. Ms. Sérgio Luiz Puggina Reis
Centro Universitário Univates

Prof. Ms. Leonel de Oliveira
Centro Universitário Univates

Lajeado, 24 de junho de 2016

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, Luciana Driemeyer, minha referência, pelo apoio e estímulo. Por sempre me incentivar na busca pelos meus sonhos. Serei eternamente grata.

Agradeço também aos meus avós maternos, Aury e Silda, por sempre estarem ao meu lado e torcerem por minhas vitórias.

De forma especial, também agradeço ao meu noivo, Éberson, por ter compreendido minha ausência em muitos momentos nesse último ano e sempre ter me dado estímulo para seguir em frente.

A todos os professores que integraram minha caminhada educacional, desde o jardim da infância até a graduação. Todos são importantes para minha formação.

Um agradecimento especial a minha orientadora, professora Rozana Ellwanger, pela paciência, dedicação e compreensão.

Aos meus amigos, pelo apoio e compreensão nos momentos em que precisava me dedicar ainda mais a esta pesquisa.

Aos colegas, e também amigos, do Grupo Popular de Comunicação, por me darem todo o suporte, sempre.

Agradeço, ainda, aos colegas da faculdade, pela troca de ideias e conhecimentos nestes mais de cinco anos de caminhada e com quem construí amizades que ficarão para toda a vida.

Também faço um agradecimento mais que especial à chefe de reportagem do Profissão Repórter, Mônica Pinheiro, por se dispor, desde o início, a me ajudar em tudo que fosse necessário. Agradeço, ainda, aos demais entrevistados neste trabalho: Márcia Gonçalves, Luiz Felipe Saleh, Alexandre Grammont e Janaina Pirola.

Por fim, agradeço a Deus por ter colocado pessoas tão especiais na minha caminhada. Todos foram importantes para a minha trajetória!

RESUMO

“Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora no Profissão Repórter”. É esse slogan que sintetiza o programa global, que vai ao ar nas noites de quarta-feira, completa 10 anos de carreira em 2016 e é objeto de estudo deste trabalho. Hoje, é o único programa de televisão brasileiro que mostra como os jornalistas executam suas funções. O objetivo geral desta pesquisa é compreender como o Profissão Repórter constrói a imagem do jornalista. No decorrer do trabalho, foram utilizados métodos de pesquisa bibliográfica, análise textual e de dados, e estudo de caso. Foram analisadas sete edições do programa, escolhidas aleatoriamente, as quais foram ao ar entre os meses de junho e dezembro de 2015. Ao final da pesquisa, constatou-se que o programa colabora para a construção, junto ao telespectador, da imagem do jornalista como profissional dedicado, atencioso, perfeccionista e imparcial.

Palavras-chave: Profissão Repórter. Jornalismo. Imagem do jornalista. Telejornalismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 A televisão no Brasil	13
2.2 Telejornalismo	17
2.2.1 Entrevista no telejornalismo	21
2.2.2 Relacionamento com as fontes	24
2.2.3 Gênero investigativo na televisão	25
2.3 Jornalismo investigativo	27
2.3.1 Reportagem investigativa	30
2.3.2 Ética	33
2.4 A profissão de jornalista	36
2.4.1 Imagem do jornalista	38
3 MÉTODO	43
4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	47
4.1 Cirurgias Plásticas	51
4.2 Analfabetismo	54
4.3 Dificuldades para estudar	56
4.4 Desaparecidos	58
4.5 O maior lixão da América Latina	61
4.6 Superlotação no presídio	63
4.7 Um mar de lama	65
5 ANÁLISE DOS DADOS	67
5.1 Entrevistas: perguntas claras e objetivas predominam	68
5.2 Erros na apuração: bastidores mostram apenas os acertos da equipe	70
5.3 Fontes e repórteres em cena	72

5.4 Pesquisas e conversas prévias.....	75
5.5 A opinião deixa os bastidores	76
5.6 Interferindo na história: quando o jornalista ajuda a fonte	78
5.7 Fontes entrevistadas	80
5.8 Linguagem simples com fontes e público	81
5.9 Sem câmeras escondidas	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS	91
ANEXO A – <i>Links</i> dos Programas Analisados.....	92
ANEXO B – Márcia Gonçalves (Editora)	93
ANEXO C – Mônica Pinheiro (Chefe de Reportagem).....	96
ANEXO D – Luiz Felipe Saleh (Cinegrafista)	99
ANEXO E – Alexandre Grammont (Editor)	101
ANEXO F – Janaina Pirola (Editora-Chefe)	103

1 INTRODUÇÃO

Ao falar em jornalismo, em especial o investigativo, é impossível não relacioná-lo a um dos atuais programas jornalísticos televisivos: o Profissão Repórter. Exibido semanalmente pela Rede Globo de Televisão, nas noites de quarta-feira, é reconhecido por suas reportagens aprofundadas e bastidores que envolvem o Brasil e o exterior. Inicialmente, era exibido em forma de especial no Globo Repórter. Depois de se tornar um quadro no Fantástico, ganhou horário semanal fixo em 2008.

O Profissão Repórter retrata o trabalho dos repórteres e editores. Caco Barcellos, junto de sua equipe de jornalistas, recém-formados, vai às ruas para mostrar diferentes ângulos sobre um mesmo fato. O programa tem como diferencial mostrar os bastidores da produção.

Hoje, pode ser considerado o único programa da televisão brasileira que se propõe a mostrar como são produzidas as notícias. Ele expõe quem são os repórteres que produzem as matérias e como é sua rotina de trabalho. Mas, afinal, como o Profissão Repórter constrói a imagem do jornalista? Essa é a pergunta que norteou a presente pesquisa.

O jornalismo investigativo, no qual podemos enquadrar o Profissão Repórter, é uma das várias categorias jornalísticas existentes. Apesar de exigir um tempo maior de produção, essas reportagens geralmente prendem e comovem mais os receptores. As matérias investigativas trazem à tona informações que não são de

conhecimento público ou alguma novidade acerca de assuntos polêmicos. Uma reportagem especializada exige apuração aprofundada dos fatos, edição e divulgação. A característica de investigação é semelhante ao processo de produção de qualquer outra matéria, demonstrando que todas poderiam ser classificadas como investigativas, conforme considera Sequeira (2005). No entanto, pelas próprias características desse tipo de produção, que exige maior dedicação e coragem dos repórteres, o jornalismo investigativo é associado à figura do “jornalista herói”, um profissional que não mede esforços na busca por informações e age como um defensor da população.

No programa global, tanto o diretor Caco Barcellos quanto os demais profissionais entram de corpo e alma na produção da reportagem: passam noites com moradores de rua, enfrentam enchentes, se colocam no lugar do outro. Os repórteres têm como missão mostrar os vários ângulos da notícia. Conquistar a confiança das fontes é fundamental para se conseguir o máximo de informações. Um entrevistado é diferente do outro. Por isso, para Villela (2008), é preciso saber identificar e, ao mesmo tempo, compreender a individualidade de cada personagem.

A partir do estudo teórico e da análise do programa, através deste trabalho pretendeu-se enriquecer formações acadêmicas. A pesquisa ainda é justificada por existirem poucos trabalhos que busquem entender como se dá a construção da imagem do profissional, especialmente através do Profissão Repórter.

Buscando esclarecer a imagem do jornalista no programa global, o trabalho girou em torno de um problema principal: como a imagem do jornalista é construída através do Profissão Repórter? A partir disso, outras questões buscaram ser respondidas no decorrer da pesquisa: Como se dá o processo de relacionamento dos repórteres com as fontes? Qual é o personagem (jornalista ou fonte) que mais ganha destaque? Como é a produção das reportagens?

A partir dos problemas, tem-se os objetivos deste trabalho, o qual esteve norteado em um objetivo geral: investigar o processo de construção da imagem do jornalista através do Profissão Repórter. Esse é subdividido em objetivos específicos: a) analisar como ocorre o relacionamento entre repórteres e fontes; b)

verificar qual o protagonista do programa (entrevistado ou jornalista); c) compreender como as matérias são produzidas, com base nas imagens de bastidores mostradas no programa; d) entender como se dá o processo de agendamento das entrevistas - se ele, de fato, ocorre; e) verificar como as cenas que mostram os jornalistas trabalhando colaboram para a construção da imagem do jornalista. Trabalha-se com a hipótese de que o Profissão Repórter colabora, pela maneira como mostra o trabalho dos repórteres, para construir, junto aos telespectadores, a imagem do “jornalista herói”, um profissional preocupado em transmitir informações claras e de qualidade.

Para alcançar os objetivos desejados, iniciou-se apresentando um breve histórico sobre a história da televisão brasileira. O segundo capítulo trata das características do telejornalismo, como a interação, entrevista e relacionamento com fontes. Em seguida, abriu-se um leque para conceituar o Jornalismo Investigativo, categoria na qual se enquadram as matérias exibidas pelo Profissão Repórter. A pesquisa também fez referência ao trabalho do jornalista, bem como à sua imagem.

No terceiro capítulo explicou-se o método utilizado. Foram analisados sete programas, escolhidos de maneira aleatória, os quais foram veiculados entre os meses de junho e dezembro de 2015. Para auxiliar na compreensão do tema, foram aplicadas entrevistas com integrantes da equipe do Profissão Repórter.

A análise dos programas foi realizada a partir de dez categorias emergentes, criadas pela autora desta pesquisa pelo método indutivo, que De Paula (2015) descreve como do particular ao geral, onde a produção das categorias se dá através das unidades de análise. Essas categorias surgiram depois de uma análise prévia dos programas. A partir da visualização, foram elencados pontos fortes que envolviam o trabalho dos jornalistas. Mais tarde, as edições escolhidas foram assistidas novamente, observando-se, com mais atenção, as categorias emergentes, através das quais foram obtidos dados para a análise de como o Profissão Repórter constrói a imagem do jornalista.

As categorias foram definidas da seguinte forma, sendo que algumas possuem subcategorias:

1. Perguntas feitas pelos repórteres: nesta categoria, analisa-se se os questionamentos são breves e diretos, como Villela (2008) indica ser o ideal do jornalismo.

2. Frequência com que são reconhecidos erros de apuração dos repórteres: busca-se verificar se nas conversas com o diretor Caco Barcellos, veiculadas no programa, são apontadas falhas dos jornalistas.

3. Destaque aos jornalistas e às fontes: verifica-se se é mais recorrente a apuração através de entrevistas ou os repórteres explicando as situações exibidas.

- Frequência com que os jornalistas explicam os fatos no lugar das fontes: investigar se o procedimento é adotado e com que frequência nas edições analisadas.

4. Pesquisas prévias sobre o tema: pretende-se analisar se o Profissional Repórter mostra a equipe fazendo algum tipo de pesquisa sobre o assunto que será abordado no programa.

- Conversa com fontes: averiguar se é possível, em tela, identificar os repórteres conversando com as fontes antes das entrevistas.

5. Expressão de opinião: busca-se notar se há expressão opinativa dos jornalistas em algum momento do programa.

6. Ajuda às fontes: investigar se os repórteres tentam prestar algum tipo de auxílio aos entrevistados.

- Repórter no lugar da fonte: busca-se verificar se os repórteres se colocam no lugar das fontes, vivenciando a sua realidade, e de que maneira.

- Horário das gravações: verificar se os jornalistas acompanham os cases em qualquer momento do dia ou à noite, uma vez que a profissão não se limita a horários exatos de trabalho.

7. Entrevistas remuneradas: analisar como eles tratam a categoria em questão, se existem casos de pagamento por entrevistas ou não.

8. Número de fontes entrevistadas: averiguar a quantidade de fontes por programa analisado.

9. Linguagem comum: observar se os jornalistas adotam uma linguagem simples e adequada a cada fonte e ao público.

10. Câmeras escondidas: investigar se a medida, considerada contrária aos princípios do jornalismo pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), é utilizada pelo programa.

Os dados obtidos através dos programas estão descritos no quarto capítulo, enquanto a análise e interpretação das informações é feita no quinto capítulo deste trabalho. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa, que teve como ponto central a figura do jornalista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa tem o Profissão Repórter como objeto de estudo e o capítulo a seguir inicia com uma contextualização sobre o surgimento da televisão brasileira, seguida de características do telejornalismo, com três ramificações: entrevista, relacionamento com as fontes e gênero investigativo na TV. Através dessas abordagens, mais tarde será possível analisar o programa televisivo em questão.

Depois, o capítulo aborda o jornalismo investigativo, as reportagens do gênero, que se assemelham ao Profissão Repórter, e a ética envolvida no trabalho diário do profissional. Também aborda-se, adiante, a profissão de jornalista e sua imagem.

2.1 A televisão no Brasil

A televisão é um meio de comunicação facilmente encontrado nas moradias brasileiras. Apesar da já existência do rádio quando a nova tecnologia chegou ao país, em meados de 1950, dando um sentido mais amplo ao jornalismo (VILLELA, 2008), poder assimilar sons e imagens em um único meio foi inovador e prendeu a atenção do público telespectador.

A história da televisão brasileira tem um protagonista: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, popularmente conhecido por Assis Chateaubriand. No ano de 1950, ele ocupava o posto de proprietário daquilo que Paternostro (1999,

p. 27) chama de “o primeiro império de comunicação do país”: o “Diários e Emissoras Associados, uma empresa que incorporava vários jornais, revistas e emissoras de rádio”.

Oficialmente, segundo Mattos (2010), a televisão brasileira foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, quando foi ao ar a PRF-3 TV Difusora, que depois transformou-se na TV Tupi de São Paulo (PATERNOSTRO, 1999). Chateaubriand é, até hoje, considerado um dos personagens mais poderosos do Brasil no que diz respeito à televisão, meio de comunicação que já crescia consideravelmente no início da década de 1950 (PATERNOSTRO, 1999). Em abril de 1954, eram mais de 30 mil aparelhos televisivos no país (BISTANE; BACELLAR, 2006). Quatro anos depois, esse número mais que dobrou: eram 78 mil espalhados pelo Brasil, conforme Paternostro (1999).

Mesmo com o avanço da tecnologia e incremento de mídias digitais, a televisão, assim como o telejornalismo, segue sendo referência no Brasil. Vizeu e Siqueira (2010, p. 83) inclusive afirmam que a TV seguirá sendo o principal meio de comunicação por um longo tempo: “o telejornalismo hoje ocupa um espaço central na sociedade brasileira como a primeira, a mais barata e mais cômoda informação que os cidadãos e as cidadãs recebem”, destacam os autores, dando credibilidade ao resgate histórico publicado por Bistane e Bacellar (2006).

A TV Tupi foi a pioneira no Brasil, com estreia em setembro de 1950, quando o rádio ainda era o mais popular (MATTOS, 2010), sendo considerado, também, um meio de comunicação de elite (PATERNOSTRO, 1999). Villela lembra que, quando inaugurada, a Tupi “adotou o suporte de programação das emissoras de rádio e dois anos depois colocava no ar o Repórter Esso em versão televisiva” (2008, p. 21). A única diferença em levar esse ícone do radiojornalismo brasileiro para as telas foi a possibilidade de aliar imagens e som. O programa foi encerrado em dezembro de 1970, devido, entre outros fatores, à censura estabelecida no regime militar (VILLELA, 2008).

Também em 1970, foi ao ar o primeiro telejornal, também da emissora paulista (Tupi): Imagens do Dia. Na década de 50, outras ações marcaram a

trajetória da televisão: vai ao ar a primeira edição do Repórter Esso; iniciam-se as transmissões da TV Record; Santos e Palmeiras protagonizam a primeira partida de futebol transmitida de uma cidade para outra; TVs Rio e Record são responsáveis pela primeira transmissão interestadual ao vivo; e surge a primeira lei que exige a censura na televisão brasileira (BISTANE e BACELLAR, 2006).

Até o final da década de 1950, os aparelhos televisivos ainda eram considerados artigos luxuosos. E, nessa época, as emissoras cresceram em número: TVs Tupi, Record (1953) e Paulista (1952) em São Paulo; Rio (1951) e Excelsior (1963) no Rio de Janeiro; Itacolomi (1956) em Belo Horizonte (PATERNOSTRO, 1999). Com o passar do tempo, a TV começou a atrair propagandas e anunciantes. O caráter comercial ficou evidente, dessa maneira, na mídia televisiva. Dessa forma, segundo Paternostro (1999), instaurou-se a disputa pela audiência, “uma briga que dura até hoje, cada vez mais acirrada, com lances e estratégias dignos de uma guerra” (1999, p. 30).

Posteriormente, surgiram outros canais de televisão brasileiros e fatos diversos marcaram o contexto histórico. Em abril de 1965, por exemplo, ia ao ar, no Rio de Janeiro, a TV Globo, apesar de já ter a concessão desde o ano de 1957 (BISTANE e BACELLAR, 2006). Paternostro (1999) relembra que a primeira transmissão da emissora, que mais tarde se transformaria em uma das maiores redes de televisão do Brasil, aconteceu no dia 26 de abril de 1965, às 10h45min. Porém, quase três anos antes, foi inaugurada a TV Gaúcha, hoje RBS TV – afiliada da Rede Globo de Televisão, rede essa que hoje dá espaço ao programa estudado neste trabalho: o Profissão Repórter.

Outro fato que marca a história da televisão no Brasil aconteceu no ano de 1972. A Festa da Uva, em Caxias do Sul (RS), em fevereiro daquele ano, marcou o início da transmissão em cores no Brasil (PATERNOSTRO, 1999). A transmissão foi gerada, em conjunto, pelas TVs Difusora e Rio. Depois, outros fatos se tornam fundamentais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento tecnológico, conforme destacam Bistane e Bacellar (2006): primeira transmissão em cores em nível internacional – VII Festival Internacional da Canção Popular (1972); a TV Cultura faz transmissão ao vivo diretamente do comício das Diretas-Já, em São Paulo (1984);

estreia da MTV-Brasil, a primeira emissora brasileira segmentada (1990); o Grupo Abril cria a primeira emissora de TV por assinatura no Brasil, conhecida como TVA (1990); a Globo inaugura o Projac, considerado o maior Centro de Produção televisiva da América Latina (1995); surge um canal com notícias 24 horas por dia, o Globonews (1996); em transmissão simultânea ao vivo e na web, o Fantástico, da Rede Globo, é o primeiro do gênero (1997); em agosto de 1999, é lançada a Globo Internacional; os anos 2000 foram marcados pela criação e estreia da Record Internacional e da Bandnews.

Com o passar dos anos, o jornalismo foi ganhando mais destaque e espaço na televisão brasileira. “[...] o tempo de produção e veiculação de notícias nas emissoras de televisão foi aumentando gradativamente e a resposta da audiência foi tão positiva que o entretenimento abriu espaços para a inserção de notícias” (VILLELA, 2008, p. 23). Dessa maneira, o telejornalismo ficou disponível para todos os tipos de públicos, a qualquer momento do dia.

Sete fases da evolução da televisão são elencadas por Mattos (2010). Elas foram definidas conforme os acontecimentos de cada época, os quais estabelecem o início de cada período.

1) A fase elitista (1950-1964), quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso; 2) A fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; 3) A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando à exportação; 4) A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações de programas; 5) A fase da globalização e da TV Paga (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização, [...]; 6) A fase da convergência e da qualidade digital (2000-2010), com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente a televisão, com a Internet e outras tecnologias da informação. Nessa fase, é adotado o sistema de Televisão Digital do país e iniciado sua implantação até a substituição total do sistema analógico que deve ocorrer até o ano de 2016. 7) A fase da portabilidade, mobilidade e Interatividade digital (2010-), quando o mercado de comunicação e o modelo de negócio vão se reestruturar, devido ao espaço ocupado pelas novas mídias (MATTOS, 2010, p. 26-27).

O Profissão Repórter surge em 2006, quando está em andamento a fase da convergência e da qualidade digital. Atualmente, apesar de já passada essa fase, conforme expõe Mattos (2010), podemos perceber ainda a forte presença da Internet em relação à TV. E a ferramenta precisa estar em constante atualização, seja em relação às mídias digitais ou ao avanço das tecnologias dos meios antes trabalhados. Isso porque as emissoras de televisão têm outro desafio pela frente, conforme Paternostro: “Com a implantação da TV por assinatura, as grandes redes de TV aberta começam a perceber que têm novos desafios pela frente para manter a audiência” (1999, p. 34).

2.2 Telejornalismo

Nem tudo o que acontece pode ser noticiado nos telejornais. Na escolha do que merece ser exibido, a produção de imagens externas de qualidade pode ser um fator decisivo para veiculação do material. Para Villela (2008), detalhes visuais podem, sim, ser fatores contribuintes para que uma reportagem televisiva seja, de fato, valorizada.

Bistane e Bacellar (2006, p. 41) afirmam que “imagens dão credibilidade e força à notícia, sobretudo às denúncias”, o que pode ser percebido no Profissão Repórter. A equipe exhibe cenas que demonstram desde situações de calamidade pública que causam danos à população até denúncias sobre corrupção, por exemplo. Assim, pode-se perceber através da expressão dos brasileiros, nas cenas, satisfação ou desgosto em relação ao caso.

Carvalho (2010) diz que não existe telejornal, e nem TV, sem imagens. Nas grandes coberturas jornalísticas, além de conseguir imagens, é preciso ter atenção redobrada e confrontar os dados coletados mais de uma vez. Por mais que seja importante a veiculação do acontecimento em primeira mão, a importância atribuída à checagem das informações é ainda maior. Na adrenalina de colocar a informação no ar, especialmente em jornalismo televisivo, muitas direções acabam adotando o padrão “off vivo”, quando o apresentador atua na narração das imagens exibidas (CARVALHO, 2010).

Com o passar dos anos, o telejornalismo brasileiro passou por modificações e as imagens ocuparam o lugar da descrição dos acontecimentos. Conforme Villela (2008), cabe ao profissional de jornalismo apenas contar a forma como o fato ocorreu. No entanto, ele não deve se prender a detalhes pequenos e repetir informações anteriormente transmitidas pelas imagens. Em TV, por exemplo, deve-se enxugar ao máximo o número de informações obtidas, uma vez que somente o essencial vai ao ar. Além disso, mostrar como foi produzida a matéria não é essencial para entendê-la.

Um caso comum é a cobertura de enchentes. Esses casos ganham repercussão nacional em apenas algumas situações, como quando provocam tragédias ou cenas dramáticas (BISTANE; BACELLAR, 2006). Entretanto, os autores acrescentam que a falta de imagens não pode acarretar na exclusão da informação dos telejornais, uma vez que a missão de informar o telespectador deve estar acima de tudo.

Uma nota curta, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar. Se o assunto merecer, pode-se optar por uma entrada com repórter, ao vivo do local. Esse recurso foi utilizado pelo Jornal Nacional para informar a morte do deputado federal Luis Eduardo Magalhães, filho do senador Antonio Carlos Magalhães. A notícia foi divulgada pouco antes do início do JN (BISTANE; BACELLAR, 2006, p. 42).

Um telejornal exibido diariamente pode passar por duas abordagens: temas factuais e reportagens produzidas. Carvalho (2010) define os dois termos de maneira simples: o primeiro revela acontecimentos do dia, os quais não podem ser previstos com antecedência (enchente ou queda de avião, por exemplo); enquanto o segundo traz assuntos que podem ser produzidos de maneira antecipada. Porém, Carvalho é enfático: “quanto mais conectado ao factual, melhor será o trabalho desenvolvido” (2010, p. 18).

O telejornalismo tem a obrigação de passar por processos de aperfeiçoamento e adequações. Pode-se dizer que uma das maiores transformações recentes foi a ampliação da interação com o público telespectador, que se dá, segundo Vizeu e Siqueira, através da “colaboração e a contribuição cada vez mais efetiva de um novo agente” (2010, p. 85). Esse agente colaborativo pode dar nova

ramificação ao jornalismo, através da contribuição dos ouvintes, leitores, internautas ou telespectadores.

Materiais veiculados pelos programas de televisão noticiosos são elaborados após análise de audiência. Imagens obtidas a partir disso orientam jornalistas no processo de construção da notícia, envolvendo seleção, edição e narração. O resultado desse sistema é comum: a notícia telejornalística, pura e simples.

Atender aos anseios da audiência é importante, conforme defende Carvalho (2010). No entanto, o autor aponta que cabe ao jornalista levantar novos questionamentos, demonstrando outras formas de ver a notícia em questão. “[...] não podemos estar desconectados daquilo que importa ao público, mas devemos nos perguntar sempre se o assunto que interessa ao público é de interesse público” (CARVALHO, 2010, p. 19). O mercado de trabalho exige, cada vez mais, profissionais preparados, capacitados e bem informados. Já o público procura qualidade e, exibir o trabalho dos jornalistas, como faz o Profissão Repórter, pode ser uma forma de mostrar que a equipe é qualificada, dando credibilidade ao programa.

Assim como no jornalismo impresso, a televisão ainda está sujeita a distorções quanto ao significado do que é, de fato, o fazer jornalístico (CARVALHO, 2010). Programas humorísticos, por exemplo, podem até conter informação, mas não são considerados jornalísticos por não serem compostos por notícias, ou seja, “informação processada, calcada em conceitos como universalidade, temporalidade, veracidade, interesse público” (CARVALHO, 2010, p. 15).

Nesse mesmo contexto, Carvalho (2010) ainda observa que toda notícia contém informação, mas que nem toda informação pode ser considerada notícia. E, ao se elaborar uma reportagem, seja ela investigativa ou não, devemos responder todas as questões de um *lead*: o que, quando, onde, por que, como, quem. Essas informações precisam estar evidentes. Caso contrário, o jornalismo não foi feito de maneira correta.

É fato que toda e qualquer notícia é um recorte da realidade, contaminado com valores sociais, pessoais, empresariais. Mas isso não elimina nosso

dever de seguir as premissas básicas do fazer jornalístico. Por isso, partiremos do pressuposto que o jornalista deve buscar permanentemente a isenção sobre os fatos e não se render a soluções simplistas. Fácil não é. Mas é possível. E essencial (CARVALHO, 2010, p. 15).

Para que o jornalismo seja feito de maneira correta, é preciso lembrar que toda e qualquer história possui mais de um lado, de uma versão, e é papel do jornalista ouvir todas as partes envolvidas. A este trabalho está atrelada a imparcialidade, definida por Carvalho (2010, p. 15) como “[...] o nosso oxigênio, é o que nos dá credibilidade, o que permite ao nosso público estabelecer uma relação de confiança conosco”. Embora muitos optem por um trabalho acomodado, faz parte da ética jornalística escutar todos os envolvidos, o que eventualmente resulta em um grande número de entrevistas.

Além da notícia, a reportagem televisiva representa, também, um trabalho difícil, uma vez que, segundo Carvalho (2010), este modelo de fazer jornalismo possui características próprias e diferenciadas. A principal delas é o trabalho em equipe, desde a produção da pauta até a exibição em tela. São vários os profissionais envolvidos. É preciso haver sintonia para que não ocorram falhas e todos os ângulos sejam abordados.

Villela (2008) concorda com Carvalho quando diz que por trás de uma reportagem investigativa existe uma grande equipe, e não somente um profissional. O trabalho na elaboração do material começa já dentro da redação, com a apuração prévia dos fatos, e segue no local do acontecimento, quando a situação é averiguada e as questões podem ser confirmadas. Do início ao final da elaboração da reportagem investigativa, é fundamental que a equipe de produção esteja entrosada e integrada. Em TV, fala-se de repórteres e cinegrafistas. A resposta é ainda mais produtiva quando o grupo trabalha em conjunto há certo tempo.

Depois de proposta a pauta, o jornalista geralmente atua sozinho até determinado ponto da apuração. Na sequência, conforme Villela (2008), o profissional avalia as necessidades que terá, junto à equipe, para dar andamento ao processo investigativo. Em alguns casos, conforme o objeto a ser investigado, o grupo faz uso de microcâmeras ou câmeras de longo alcance para coletar provas importantes para posteriores apontamentos.

Assim como acontece nas entrevistas, no local da notícia é necessário que o profissional de jornalismo se aproxime dos envolvidos através de conversa. Dessa maneira, a confiança adquirida pelas fontes será maior. Para a conquista das informações necessárias, Villela (2008, p. 148) indica um princípio: “A3PDE – Aplicação, Perspicácia, Planejamento, Pesquisa, Desenvoltura e Entusiasmo”. O autor ainda define elementos básicos e, segundo ele, adequados para a realização de uma reportagem televisiva: comparação, julgamento, escolha e definição. Para conseguir todas as informações necessárias, é preciso entrar de cabeça na pauta, uma vez que o envolvimento e a dedicação atribuídos a esse produto jornalístico são redobrados.

A mídia também ocupa papel de promover discussões sociais e para que isso se torne possível, é necessário que o jornalista explique ao telespectador todos os passos de uma reportagem investigativa. No entanto, é preciso tomar cuidado com a maneira de fazer jornalismo. “No afã de divulgar a notícia, não nos damos conta dos resultados das nossas ações” (CARVALHO, 2010, p. 84). O autor também complementa que a produção de materiais com base em certas suposições é mais comum do que quando se tem fatos concretos.

É de suma importância que o jornalista investigativo se cerque, em todos os casos, do máximo de provas possíveis, como documentos e gravações. A medida é ainda mais importante quando a pauta denuncia algum fato polêmico. “Não faça suposições, não atribua culpa. Trate os envolvidos como suspeitos” (CARVALHO, 2010, p. 86).

2.2.1 Entrevista no telejornalismo

Assim como os demais meios, a televisão tem suas particularidades. Uma delas é a objetividade em relação aos entrevistados. Segundo Bistane e Bacellar (2006), o repórter designado para produzir uma entrevista deve, ao menos, estar preparado para tal. Isso não significa que deva saber tudo sobre, mas é importante ter o conhecimento básico: “[...] deve perguntar, perguntar, perguntar antes de

gravar. Primeiro é preciso entender o assunto, até porque informação nunca é demais: antes sobrar do que faltar” (BISTANE; BACELLAR, 2006, p. 16).

Villela (2008) diz, inclusive, que a entrevista é um dos principais objetos de trabalho de um profissional de jornalismo. A resposta obtida é resultado da “agilidade, atitude e inteligência” da pergunta (VILLELA, 2008, p. 116). Nas entrevistas, a estrela é o entrevistado, o interlocutor.

É importante não colocar na boca do entrevistado respostas que o profissional acredita estarem corretas.

Alguns esquecem a isenção necessária e costumam intimidar o entrevistado, tentando colocar na boca dele a resposta que deseja ouvir. Seja qual for o estilo do jornalista, ele deve assimilar a ideia de que o objetivo principal é conseguir boas entrevistas, com respostas efetivas que possam valorizar o trabalho de reportagem (VILLELA, 2008, p. 117).

O fundamental é estar bem informado, sempre, independentemente da situação. A partir do momento da indicação da pauta, o jornalista deve iniciar a procura e coleta do máximo possível de informações relacionadas ao assunto. É papel do repórter “fazer perguntas limpas, inteligentes, bem formuladas e éticas” (VILLELA, 2008, p. 118). Por isso, é imprescindível que o profissional tenha conhecimento básico sobre o tema. Quanto mais informações, mais à vontade o interlocutor se sentirá no momento da entrevista. Fazer muitas perguntas é essencial e vale para antes, durante e depois da entrevista.

A partir das respostas conquistadas pelo jornalista, podem surgir as grandes e melhores reportagens televisivas. A obtenção das informações, conforme Villela, pode ser atribuída a uma simples ação: “[...] o entrevistador fez o dever de casa” (2008, p. 118). Para que o trabalho conquiste o sucesso almejado, o autor ainda indica algumas medidas: “faça perguntas breves, diretas e sempre que perceber que surgiu algo importante no depoimento reforce a resposta usando as próprias palavras do entrevistado” (VILLELA, 2008, p. 119).

Perguntas simples e bem construídas são fundamentos básicos das entrevistas. Mesmo assim, caso tenha ficado alguma dúvida, o repórter não deve se

envergonhar de pedir para o entrevistado repetir a resposta. O importante é não sair da entrevista com dúvidas.

Se não conseguir entender uma resposta, peça para que o interlocutor explique melhor. Não esqueça que quase todo repórter é um generalista e você não tem obrigação de saber tudo. O que vale é estar bem informado e preparado para uma entrevista. Porque se o repórter não compreende, não vai conseguir transmitir a informação para o seu público (VILLELA, 2008, p. 128).

No momento em que um repórter abraçar uma matéria televisiva, além de se atualizar quanto às informações, é importante que ele exerça a paciência, tendo em vista que ouvir é fundamental no jornalismo. O profissional também precisa ficar atento à conversa. Villela (2008) acrescenta que o fato de ouvir torna possível a seleção do ponto alto da entrevista, a informação que dará enfoque à matéria ou, então, alterar o sentido da mesma. “A entrevista é sem dúvida o melhor método da apuração jornalística” (VILLELA, 2008, p. 130).

Quando a conversa antecede a gravação da entrevista televisiva, outro benefício surge: a gravação se dará com mais objetividade. Dessa maneira, o entrevistado já se sentirá mais confortável em relação à câmera e ao microfone após o bate-papo.

Villela (2008) concorda no que diz respeito à aproximação diante das fontes antes da gravação. Ele acredita que, dessa maneira, os entrevistados adquirem a confiança no jornalista. “Cada entrevistado é diferente. Identifique e compreenda a individualidade de cada um” (VILLELA, 2008, p. 122). Isso pode ser adquirido através de uma conversa amigável. No entanto, o surgimento de dificuldades em meio à elaboração de pautas é natural, principalmente no que envolve crimes, sofrimento e fraudes. Nesses casos, a paciência e a conversa devem ser ainda mais estimuladas, segundo o autor.

No Profissão Repórter, por exemplo, as formas de entrevista mais comuns são a noticiosa e a de opinião, segundo a classificação proposta por Villela (2008). Além disso, a denunciativa também aparece em alguns casos. Mas, independentemente do tipo de entrevista adotado, o profissional de jornalismo jamais deve esquecer de abordar as questões fundamentais que envolvem a

apuração: o que, quem, quando, como, onde e por que. Essas são perguntas básicas, que abrirão espaço para informações que exigem maior detalhamento.

2.2.2 Relacionamento com as fontes

Fontes são o braço direito dos profissionais de comunicação, pois fornecem informações importantes para a construção das reportagens. Além disso, muitas pautas nascem, inclusive, de sugestões vindas desse público. Conforme Carvalho (2010, p. 106), além de dar dicas, as fontes podem “ajudar a traçar dados, fornecer documentos sigilosos e informações em primeira mão”. A partir disso, Barbeiro (2002) destaca que fontes podem gerar, inclusive, furos de reportagem.

Apesar de sua importância para o exercício do jornalismo, é preciso estar atento ao relacionar-se com as fontes. É de responsabilidade do jornalista checar todas as informações sobre determinado tema. Nas reportagens investigativas, por exemplo, as fontes têm ainda mais importância. Isso porque esse gênero jornalístico envolve pesquisa, coleta de dados e, muitas vezes, busca por documentos históricos e sigilosos. Apesar disso, Barbeiro (2002) considera importante que o jornalista não mantenha amizade pessoal com as fontes, podendo ser influenciado pelas mesmas.

Carvalho (2010) afirma que, em raros momentos, as fontes repassam informações sem nenhum interesse. Há, na verdade, uma infinidade de motivos. Assim, cabe ao jornalista avaliar todos os detalhes e minimizar, cada vez mais, a possibilidade de erro. O primeiro compromisso profissional é, sempre, fazer uma apuração correta: “pesquisar, entender e relacionar dados” (CARVALHO, 2010, p. 107). É função do jornalista coletar o máximo de informações possível. Isso gera mais respeito e credibilidade diante do público, já que o compromisso do profissional de jornalismo é com a verdade. “O jornalista não divulga notícias para agradar ou desagradar suas fontes” (BARBEIRO, 2002, p. 34).

Em situações que envolvam reportagens investigativas é aconselhável não expor as fontes, uma vez que, geralmente, os assuntos são delicados. Na maioria das vezes, a medida é tomada em casos envolvendo crimes e fraudes. Nas demais

ocasiões, as fontes costumam ser citadas. Entretanto, elas podem não ser reveladas quando acharem conveniente. “Em TV, as gravações podem ou não preservar a imagem e a voz dos entrevistados se este for o desejo deles” (VILLELA, 2008, p. 132). Em alguns casos, inclusive, entrevistados usam capuzes, gravam de costas ou têm a voz alterada, para não serem identificados.

É necessário que os profissionais estejam preparados para qualquer situação do cotidiano, seja de cunho investigativo ou não. O conhecimento necessário para isso é dividido por Carvalho (2010) em dois campos diferentes: o conhecimento tácito e o explícito.

[...] O primeiro diz respeito às experiências vividas e o segundo àquilo que pode ser absorvido por meio de livros, filmes, jornais, televisão, documentos, enfim, daquilo que é disponibilizado de forma clara e objetiva para o consumo de todos (CARVALHO, 2010, p. 115).

Um profissional bem preparado é aquele que une o conhecimento tácito ao conhecimento explícito. O ideal, segundo Carvalho (2010), é que haja um equilíbrio entre os dois campos distintos.

2.2.3 Gênero investigativo na televisão

A televisão, segundo Berbick (2012), ocupa um papel de referência para a realidade do cotidiano, o qual visa reconhecer conflitos e tornar viáveis mudanças através de sua mediação. Wolton (2007 apud BERBICK, 2012) diz que a televisão tem a missão de unir indivíduos e públicos que se separam pelo ponto de vista, e oferecer possível participação em uma atividade coletiva. “É esta aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz desta tecnologia uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea” (WOLTON, 2007 apud BERBICK, 2012, p. 21).

Dois momentos têm grande significado para a história do jornalismo investigativo no Brasil: a chegada de Caco Barcellos à TV Globo e a criação do Programa Documento Especial, na TV Manchete. Esses fatos podem ser considerados como o início do jornalismo investigativo na televisão, segundo Kneipp

(2008). Outro programa brasileiro que merece destaque é o Fantástico, criado em 1973, na TV Globo, que tem no gênero investigativo a abordagem de maior destaque dentro dos quadros oferecidos.

Bistane e Bacellar (2006) dizem que as reportagens de gênero investigativo surgiram na televisão somente na década de 1990, enquanto a imprensa escrita passou a investir mais forte na área dez anos antes, nos anos 80. Entretanto, na TV, os resultados foram melhores quando comparados à mídia escrita: maior alcance, aliado à possibilidade de exibir imagens. Por isso, esse gênero de reportagem televisiva se mantém vivo até os tempos atuais.

Com o passar do tempo, repórteres televisivos passaram a ocupar e agir, ao mesmo tempo, em cena.

Nesses casos, o sujeito narrador não é apenas repórter, aquele que nos conta sobre algo que ocorreu com terceiros, é também ator, sujeito da ação que se inclui no fato reportado, o que sinaliza na direção de uma espécie de inversão poética para um mesmo efeito pretendido: autenticidade dos relatos (GUTMANN, 2013 apud LAGE, 2014, p. 9).

A verdade é ressaltada com a presença atuante de repórteres no local dos acontecimentos, o que dá ainda mais credibilidade à reportagem investigativa. Um exemplo desse caso é o Profissão Repórter, onde os profissionais se colocam em cena, mostrando não apenas os fatos a serem relatados, mas também suas formas de atuação.

É de competência do telejornalismo investigativo trazer à tona acontecimentos polêmicos que estejam, por algum motivo, escondidos. Esse tipo de material, segundo Carvalho (2010), sempre fascinou os profissionais de jornalismo. Como os assuntos abordados geralmente são delicados, é de fundamental importância que o repórter investigue todos os detalhes com paciência e ética, visando conquistar o respeito do seu público.

Em televisão, conforme lembra Carvalho (2010, p. 78), essa prática jornalística é considerada a “‘menina dos olhos’ dos veículos de comunicação, em especial das emissoras de TV”. Essas produções são capazes de prender

telespectadores por um período maior de tempo em frente à televisão. O índice de audiência também sofre aumento significativo nesses casos.

2.3 Jornalismo investigativo

O jornalismo investigativo floresceu entre os anos de 1955 e 1974, afirmam Lopes e Proença (2003). No entanto, os trabalhos mais conhecidos foram escritos logo após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). A categoria é uma área especial, preenchida de características e regras próprias, além de um “*ethos* próprio” (MARTINO e SILVA, 2013).

Esse gênero jornalístico consiste – assim como nas demais categorias - em descobrir a verdade diante de um fato. Porém, o trabalho exercido pelo profissional investigativo difere do papel da polícia, advogados, auditores e instituições regulatórias, segundo Hugo de Burgh (2008). E é nesse contexto que pode ocorrer um conflito de pensamento, uma vez que o jornalismo investigativo exige investigação, mas não de tal forma como é exercido no âmbito policial.

Conforme Sequeira, somente dois teóricos deram conceitos ao jornalismo investigativo: Nilson Lage e Alberto Dines. Lage conceitua a categoria jornalística, em específico, como “uma forma extremada de reportagem, em que o profissional dedica tempo e esforço no levantamento de um tema pelo qual se apaixona” (SEQUEIRA, 2005, p. 24).

Enquanto isso, Dines classifica o gênero investigativo como uma grande forma de informar um acontecimento, tendo ela alguns elementos específicos: “dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro” (SEQUEIRA, 2005, p. 21). Essas teorias afirmam que as produções investigativas tendem a ser distintas das convencionais, uma vez que exigem forma diferenciada de reportar e tempo maior de dedicação à pesquisa, entrevistas e escrita.

O jornalismo investigativo pode ser definido por três linhas de pensamento: “1 – o jornalismo é produto da iniciativa pessoal; 2 – reportagens especiais; 3 –

assuntos de interesse público que algumas pessoas ou instituições querem manter em segredo” (LOPES e PROENÇA, 2003, p.12).

Essa categoria jornalística foi imposta justamente para explicar como acontecem fatos, sendo que diversos atos de corrupção no setor público foram desvendados através de produtos jornalísticos de investigação. Existe, inclusive, uma associação entre repórter investigativo e profissionais que assumem o papel de detetives policiais, “na tentativa de descobrir informações que fontes de poder querem esconder da sociedade” (SEQUEIRA, 2005, p. 66-67).

As reportagens investigativas tiveram gradual crescimento. Carvalho (2010, p. 79-80) complementa que “[...] televisões, os jornais impressos, as emissoras de rádio e até as revistas semanais se viam na obrigação de estampar o tal jornalismo investigativo”. No entanto, investigação demanda tempo. Por isso, muitos veículos de comunicação passaram a contar com profissionais especializados para atuar nessa área, uma vez que produzir sem o tempo suficiente e necessário dá margem para erros.

O profissional do ramo investigativo busca informações através de suposições e intuições, as quais são levantadas antes mesmo do início da apuração dos fatos, isso é, em uma pesquisa prévia sobre as informações já existentes sobre determinado acontecimento. Enquanto Guerra (2007, apud MARTINO e SILVA, 2013, p. 21) afirma que no jornalismo investigativo preconiza-se “a ação do repórter como sujeito de todo o processo de elaboração da notícia, organizando todo o percurso interpretativo do fato”, Peirce acredita que, ao observar-se um fato que surpreenda, devem ser levantadas imediatas hipóteses para explicá-lo:

[...] Os elementos de uma hipótese sobre certo problema já se encontram na nossa mente, mesmo que não tenhamos consciência deles. Embora essa hipótese introduza uma ideia nova, ela apenas sugere que algo pode ser, sem qualquer certeza (1883 apud SEQUEIRA, 2005, p. 69).

O jornalismo investigativo consiste em checar todos os dados necessários, inclusive os ocultos, para formular a reportagem investigativa ou de profundidade, como também é chamada, de acordo com Lopes e Proença (2003). É por esse tipo de produção que, conforme Beltrão (1980 apud LUCINDA, 2008), o público

demonstra maior interesse, porque essas reportagens representam um contexto completo da realidade, no qual o trabalho propõe o conhecimento de praticamente todas as implicações do fato analisado. “O imperativo do público concentra-se então na vontade de conhecer a gênese da notícia e, igualmente, o prognóstico sobre seus efeitos” (BELTRÃO, 1980 apud LUCINDA, 2008, p. 26).

Por mais que todas as categorias jornalísticas exijam investigação, pesquisa e coleta de dados, o jornalismo investigativo representa aquilo que vai além do simples relato factual, revelando algo que estaria escondido até aquele momento. Essas produções exigem, muitas vezes, que os profissionais se infiltrem em locais extremamente perigosos, simplesmente para conseguir a melhor pauta, o melhor furo e o mais interessante ângulo de abordagem.

Em meados de 2002, “o jornalismo investigativo foi reduzido ao furo” (CARVALHO, 2010, p. 80). Assim, uma simples matéria exclusiva passou a ser enquadrada como investigativa. No entanto, para ser investigativa, uma reportagem exige a conclusão de vários processos.

Ao produzir uma reportagem investigativa, todos os momentos de produção são importantes: investigação, pesquisa, coleta de dados e provas, entrevistas; escrita concisa da reportagem; e conclusão do caso.

Em princípio não há mal algum em receber informações privilegiadas. O importante é que o jornalista tenha consciência de que investigações em andamento são exatamente isso, ou seja, não há conclusão a priori, não há culpados. O problema é que após amplo espaço destinado à cobertura das investigações, costumamos dedicar pouco tempo para as conclusões do caso, mesmo em relação àqueles que geram maior repercussão. A prática cria uma distorção ao promover um julgamento antecipado na medida em que a divulgação dos fatos investigados colabora para a construção da opinião pública, e que vez ou outra está em desacordo com a resolução dos casos (CARVALHO, 2010, p. 81-82).

Assim, torna-se importante diferenciar jornalismo puro de jornalismo investigativo. Por exemplo: recebimento de documentos sigilosos. Quando o repórter receber esse material, é considerado jornalismo puro; já quando o profissional descobre a gravação e/ou documento, a reportagem é classificada como

investigativa. De maneira mais simples, o jornalismo investigativo consiste na busca e pesquisa do material (CARVALHO, 2010).

A roupa do repórter (utilizada no acompanhamento de uma ação sigilosa, por exemplo), a imagem exclusiva e a entrevista dão, à reportagem, cara de investigativa, mas trata-se, somente, de jornalismo puro, e não de âmbito investigativo (CARVALHO, 2010). Como já abordado, fazer jornalismo de investigação exige tempo, paciência e muita dedicação. Além disso, necessita de dinheiro, uma vez que, na maioria dos casos, há demanda por um profissional especialmente para esse modelo de produção.

2.3.1 Reportagem investigativa

O grande diferencial da reportagem investigativa está no processo e formato de trabalho do profissional de jornalismo. Assim, acaba-se fugindo da rotina adaptada pelos jornalistas da atualidade, onde predomina conteúdo noticioso do tipo *hard news* (acontecimento inesperado, factual, de última hora) e oriundo de assessorias de imprensa. Jornalismo investigativo dá muito trabalho, pois exige apuração aprofundada, tempo de produção e de exibição maiores.

O trabalho é sempre intenso, misto de suor e paciência, mesmo quando a luta cotidiana pela notícia requeira o cumprimento de prazos. Mas corre-se tanto contra o tempo como a favor da verdade, e é nesse equilíbrio que reside o bom resultado de uma investigação (FORTES, 2007, p. 69).

Para Sequeira (2005, p. 160), “todo repórter investigativo sabe que cada matéria é única e os imprevistos sempre surgem, desafiando sua criatividade”. Em algumas situações, a pauta repassada é sugestão do editor. Nesses casos, cada profissional precisa ter atitudes próprias, construir o seu roteiro de trabalho e buscar as suas fontes.

Pautas investigativas podem surgir através de diferentes procedimentos, segundo Lopes e Proença (2003). Entre as hipóteses estão: avisos e denúncias anônimas, contato constante com fontes informativas e fatos atuais. O jornalismo participativo, que pode ser chamado, também, de jornalismo cidadão ou

colaborativo, diz respeito “a participação dos cidadãos na produção de notícias, através do envio de imagens e/ou textos de fatos potencialmente noticiáveis” (AMORIM, 2009, p. 3) e pode marcar presença na indicação de temas. No entanto, o leitor apenas indica uma pauta. O restante da investigação é papel do profissional de jornalismo. Brambilla (2007 apud ZANOTTI, 2010, p. 32) observa que o fato de checar informações representa uma carga de trabalho a mais aos jornalistas. E, além disso, ainda seria necessária a identificação, a checagem e a pesquisa antes da apuração.

Além das fontes, comparativos entre documentos também podem originar reportagens investigativas. Por isso, é fundamental que um jornalista saiba ler informações contidas nesses papéis (VILLELA, 2008). O profissional precisa ficar atento, diariamente, para os acontecimentos noticiados na mídia brasileira e, a partir disso, ter faro para transformar esses fatos em amplas reportagens de investigação. É isso que o Profissão Repórter faz, uma vez que seleciona assuntos atuais, algumas vezes factuais, e os transforma em uma grande reportagem que, além de mostrar o fato de maneira ampla, mostra os bastidores da produção.

Outra questão importante na elaboração e produção de reportagens investigativas é a fonte de informação, para que a conclusão do produto jornalístico tenha sucesso. Lage (2001, apud SEQUEIRA, 2005) divide as fontes em pessoais, institucionais e documentais. Essas, por sua vez, podem ser classificadas como: oficiais, mantidas pelo Estado, instituições, empresas e organizações; oficiosas, ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estando autorizadas e falar em seu nome (pessoa ou entidade); e independentes, desvinculadas de relação de interesse ou poder. Cada qual pode colaborar, de sua forma com o repórter, estabelecendo uma relação entre si. No Profissão Repórter, o mais recorrente é a utilização de fontes pessoais.

Todos os cuidados são fundamentais para que a reportagem investigativa atinja o seu objetivo inicial e público final. Informação, fontes e dados devem ser tratados com muita precisão e exatidão, uma vez que, a partir disso, cria-se credibilidade do ponto de vista dos leitores (LOPES e PROENÇA, 2003). É de fundamental importância que todos os dados do texto estejam colocados com

clareza e rigor. Uma a uma, cada palavra usada deve, obrigatoriamente, ser compreendida facilmente por parte do público-alvo.

Inovar é palavra-chave no que diz respeito à reportagem investigativa. Conforme Villela (2008), é importante ir além daquilo antes produzido por outros veículos de comunicação. Ele considera que “a reportagem investigativa é fruto de pesquisa minuciosa e informações preciosas alimentadas por fontes criteriosas e responsáveis” (VILLELA, 2008, p. 152). O relacionamento para com esses fornecedores de informações deve ser ético e coerente. Afinal, um jornalista pode depender deles em outras ocasiões.

Lopes e Proença (2003) acrescentam que é importante e pertinente lembrar que o cuidado com o prazo de validade das pautas é fundamental. Com os tantos acontecimentos que preenchem o dia a dia, existe, inclusive, a possibilidade de uma reportagem ficar ‘velha’ de um dia para o outro.

No que diz respeito ao telejornalismo, as reportagens investigativas para esse meio exigem grande quantidade de imagens e, segundo Villela (2008), o acesso a elas sempre é mais difícil. O autor ainda aconselha que as imagens sejam colhidas somente após a junção de todas as informações. Assim, pode-se entender que a atividade primeira do jornalista é apurar todos os fatos e reunir as provas. Depois, cabe partir para o recolhimento de imagens, que também servirão na comprovação das informações.

Quando se fala em estrutura da reportagem, também é válido inovar, uma vez que não existe regra para isso. A estruturação depende, exclusivamente, da maneira que o jornalista quer relatar determinado acontecimento. É o profissional de jornalismo que define a forma como uma história deve ser contada, segundo Villela (2008). “Quando uma equipe de TV está na rua, o repórter passa a possuir quase todos os dados e componentes do fato, mas precisa juntar as peças do quebra-cabeça – imagem, entrevistas e texto” (VILLELA, 2008, p. 158).

O autor sugere que os jornalistas não se prendam a fórmulas para construir a estrutura da reportagem televisiva, sendo investigativa ou não. Isso vale, também,

para situações em que os acontecimentos são semelhantes. Para tornar uma reportagem atraente, dá uma dica: “ressalte os elementos mais importantes e construa sua história ao redor deles” (VILLELA, 2008, p. 158).

Uma reportagem televisiva tem duração média entre um e dois minutos. Assim, Villela (2008, p. 159) observa: “[...] é fácil perceber que no telejornalismo a linguagem incorpora todo o mecanismo do lead”. O objetivo do repórter é, sempre, prender a atenção do telespectador. Por isso, depois de abrir a reportagem com o fato principal, o jornalista segue com outras informações relevantes, para aproveitar bem o pouco tempo disponível.

2.3.2 Ética

A questão ética é crucial no contexto do jornalismo investigativo. Afinal, o processo minucioso de apuração dos fatos exige ainda mais cautela que a rotina comum das redações. Segundo Villela (2008, p. 230), “comportamento ético requer responsabilidade individual”. Assim, visando a defesa do interesse coletivo, a lealdade, a coragem, a responsabilidade e o respeito com as fontes são questões fundamentais (MARTINO e SILVA, 2013).

Barbeiro vê a ética como uma referência para todos os profissionais atuantes, sejam eles jornalistas ou não. Para o autor, “ela (a ética) se altera historicamente, e sua compreensão exige conhecimento dos movimentos sociais” (BARBEIRO, 2002, p. 19). Visando reforçar os princípios universais éticos, assim como outros profissionais, os jornalistas brasileiros dispõem de um código de ética particular, o qual estabelece um conjunto de valores que deve ser seguido à risca.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi atualizado em agosto de 2007, quando já vigorava há mais de 20 anos. Ele descreve direitos e deveres dos profissionais de jornalismo. Entre eles, uma questão que, em alguns casos, vai ao encontro do jornalismo investigativo: a utilização de recursos para gravações escondidas.

O jornalismo não pode divulgar informações: [...] obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração (Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007, p. 3).

Lopes (2003) complementa que o trabalho jornalístico deve ser regido por uma “ética rígida e profissional”. Isso é necessário para assegurar que sua publicação é clara, exata e completa. “É fundamental que se assegure de que não está arruinando injustamente a reputação de ninguém a partir de informações superficiais ou tendenciosas” (LOPES, 2003, p. 15). A vida das pessoas jamais deve ser colocada em risco. Quando da solicitação de familiares ou autoridades, casos de sequestro, por exemplo, não devem ser divulgados (BARBEIRO, 2002). Mesmo assim, segundo Barbeiro (2002), a apuração não deve ser deixada de lado.

Sem conhecimento dos envolvidos, uma entrevista jamais pode ser gravada. Nesses casos, o profissional vai contra o determinado pela lei. Essa atitude, considerada antiética por Barbeiro (2002), é atribuída à busca pela audiência. “Além de invasão de privacidade, essa atitude põe em risco a integridade dos personagens que são julgados pela opinião pública por frases isoladas ou declarações truncadas, fora do contexto dos acontecimentos” (BARBEIRO, 2002, p. 22). A divulgação dessas gravações pode causar danos aos entrevistados e, ainda mais, aos entrevistadores.

Bistane e Bacellar (2006) acreditam que a microcâmera é uma importante ferramenta para dar credibilidade e ainda mais força às denúncias. Entretanto, a utilização das imagens esbarra no direito à privacidade. “Por isso, para que as imagens sejam aceitas como prova, é preciso que uma das pessoas gravadas autorize a filmagem e em hipótese nenhuma o jornalista deve induzir o crime” (BISTANE; BACELLAR, 2006, p. 64).

É dever do jornalista levar conhecimento para a população. Além disso, a busca pela verdade é seu objetivo principal. É compromisso do profissional a “notícia correta, de qualidade”, e, portanto, ética (BARBEIRO, 2002, p. 29). Conforme Villela (2008, p. 227), “a precisão na apuração dos fatos garante a veracidade das notícias a serem divulgadas”. Colunas, editoriais e espaços para comentários estão aí para

expressar opiniões. Por isso, em momento algum devem prevalecer palpites do profissional. Além de colocar em xeque a reportagem, a opinião deixa a produção parcial, violando as leis. É obrigação do jornalista buscar a isenção sempre (BARBEIRO, 2002).

Patrocínios jamais podem prevalecer quando as pautas forem determinadas e distribuídas. Conforme Barbeiro (2002), o profissional nunca deve fazer a troca de reportagem por publicidade. “O critério para que uma reportagem vá ao ar é o interesse público” (BARBEIRO, 2002, p. 27). Além de afetar o conteúdo e a forma como o material é apresentado, a medida vai contra os princípios éticos do jornalismo.

Para o sucesso da publicação e a consciência tranquila, os profissionais de jornalismo precisam dominar o assunto abordado, jamais distorcer fatos ou violar leis e possibilitar que todos os lados deem suas versões, ainda que pessoalmente concorde com um dos envolvidos (LOPES, 2003). Por mais que o veículo de comunicação seja parcial e defenda uma causa, opiniões e interesses, o jornalista não pode se posicionar a favor de ninguém (VILLELA, 2008). A imparcialidade faz parte da ética jornalística.

Duvidar pode ser considerado outro dever ético do profissional de jornalismo, segundo Barbeiro (2002). O autor defende que jornalistas não podem ser tão inexperientes a ponto de acreditarem que todas as notícias não afetam interesses. Ao contrário, ele crê que a maioria das reportagens, investigativas ou não, partem de interesses.

Nesse contexto, a importância de ouvir também o acusado, em reportagens que envolvem denúncia, é reforçada. Segundo Villela, nenhuma acusação pode ser divulgada sem o direito de resposta ser concedido a todos (2008). A imprensa erra e, logicamente, está longe de se livrar disso. Em uma situação dessas, a responsabilidade recai sobre o jornalista. É uma atitude ética e deve ser tomada logo após a veiculação: corrigir os erros (VILLELA, 2008). Barbeiro (2002, p. 22) concorda: “é obrigação do jornalista corrigir qualquer informação errada que divulgue”.

No que diz respeito às reportagens de denúncia, Barbeiro (2002) acredita que a qualidade desse modelo de trabalho jornalístico pode estar atribuída à apresentação de provas e fontes independentes. Essas questões são levadas ao ar (em televisão) sem atitudes precipitadas e tendenciosas. A comodidade, no jornalismo, e consequente trabalho de baixa qualidade, são fatores que também podem ser considerados antiéticos, segundo o autor.

Barbeiro (2002, p. 33) conclui de maneira objetiva: “jornalistas e meios de comunicação não são simples espelhos da sociedade, mas sim seus agentes estruturadores da realidade”. É a partir das criações dos profissionais de jornalismo que a sociedade pode formar opinião e construir sua própria realidade. Nesse sentido, o Profissão Repórter, ao mostrar a produção das matérias, colabora, além da divulgação da informação, para que o espectador conheça e construa sua percepção quanto ao trabalho dos jornalistas.

2.4 A profissão de jornalista

O profissional de jornalismo, além de informar, possibilita que o público forme opinião acerca de determinado assunto. Conforme Dines (2009, p. 135), jornalistas se relacionam com leitores como “um psicanalista com seu paciente, um marido com sua mulher, o pai com seu filho”. Assim, podemos entender que um é reflexo do outro e profissional e leitor atuam como íntimos.

Embora as reportagens tenham caráter cada vez menos factual, Barbosa (2007) acredita que a reportagem local ganha sempre mais destaque. A autora cita, inclusive, como exemplo, que catástrofes do cotidiano e materiais inéditos despertam interesse e prendem a atenção do leitor, telespectador e ouvinte. Com base nisso, pensa que a importância do profissional de jornalismo só aumenta.

Esses passam também a escrever verdadeiras crônicas do cotidiano, subindo os morros, descrevendo os bastidores das religiões populares, montando reportagens em série sobre curandeirismo, favelas e outros temas. Algumas vezes, vale-se de expedientes não muito éticos para conseguir a reportagem inédita e sensacional. Bisbilhotar as conversas alheias, ler sorratamente textos sobre uma mesa ou mesmo em bondes, são apenas algumas das ações para conseguir o furo de reportagem (BARBOSA, 2007, p. 38 e 39).

Nesse sentido, inconformidade e inquietude devem ser características do profissional. Acomodação não combina com a rotina de um jornalista, que não deve desistir na primeira informação ou obstáculo que surge na caminhada. “O jornalista é um permanente buscador. Jornalista conformado não é jornalista. [...] Quem não acredita na notícia não a persegue e não a encontra” (DINES, 2009, p. 137). Qualquer anormalidade, seja em qual setor for, precisa ser checada e questionada ao extremo, pois é função do jornalista esclarecer todas as questões para o bom entendimento do público receptor.

A conseqüente tomada de decisões integra a rotina do profissional, o que é desconhecido pela maioria da população.

[...] Se fotógrafo, é o ângulo da fotografia que importa; uma decisão, portanto. Se repórter, importam o enfoque da notícia, a pergunta ao entrevistado e a escolha do próprio entrevistado. Se chefe, tem de avaliar incessantemente a incrível massa de informações despejada sobre sua mesa, aferir sua veracidade, avaliar sua importância e definir seu destaque. Ao escrever, cada palavra é uma decisão, cada informação, uma decisão, cada orientação, decisão. Durante todo o tempo em que desempenha sua atividade diária – e já vimos que esta não se limita ao horário de trabalho -, o jornalista seleciona e opta (DINES, 2009, p. 137).

Em qualquer ação executada no dia a dia profissional, o jornalista estará tomando uma decisão, escolhendo um caminho pelo qual seguir. E, em meio a todo esse contexto, Dines (2009) lembra que a profissão exige senso de responsabilidade. Sendo uma reportagem ou uma nota, o jornalista sabe que, se não trabalhar com cautela e observar seus atos, poderá destruir a reputação de um profissional e até mesmo uma vida inteira.

Acontecimentos policiais têm atraído cada vez mais o público. Além disso, o inédito passou a ter mais valor e transformou o trabalho dos jornalistas e repórteres. “O repórter passa a ser o elemento principal para a composição da notícia” (BARBOSA, 2007, p. 39). É desse profissional que se espera os variados detalhes de um acontecimento e ações que busquem inovar na maneira de contar os fatos.

Dines (2009) ainda classifica o jornalista como um ser em permanente exposição. “É um cultor dedicado do mais importante tesouro cultural de um país: sua língua” (DINES, 2009, p. 139). No decorrer de sua caminhada, o profissional

amplia, gradativamente, seu vocabulário a partir de entrevistas, experiências e contato direto com a comunidade, ajustando a linguagem tanto aos entrevistados e pessoas com as quais interage durante a produção da matéria quanto ao público.

Além do aperfeiçoamento da linguagem, considerado um benefício da profissão, o jornalista sempre precisou se adaptar às evoluções tecnológicas (BARBOSA, 2007). Isso vale para qualquer meio de comunicação: televisão, rádio, jornal impresso, mídia digital e, até mesmo, fotojornalismo. Essa ação acaba indo ao encontro dos subsídios atualizados que o profissional precisa para buscar, incessantemente, para expor a verdade.

Por isso, algumas vezes o profissional parece teimoso e insistente demais. Mas, segundo Dines (2009), isso é necessário porque há comprometimento com a causa pública, trazendo à tona assuntos que, em alguns casos, ficariam escondidos.

A característica de bom jornalismo também pode estar associada ao jornalismo investigativo. Como argumento, Martino e Silva (2013) afirmam que o prestígio do gênero está aliado às práticas daquilo que se entende como bom jornalismo, associado à credibilidade da informação. Para os autores, é necessário investigar fatos, checar tudo o que é dito, confrontar informações com diversas fontes e verificar recursos contraditórios, sempre ouvindo todos os envolvidos e averiguando as versões alternativas do acontecimento.

2.4.1 Imagem do jornalista

O jornalista ocupa uma posição de contador de histórias perante a sociedade. Vários profissionais podem acompanhar um fato, mas cada um terá uma maneira diferente de contá-lo, um modo peculiar e diferenciado. A narrativa necessita de início, meio e fim, e é através dela que leitores, ouvintes e telespectadores constroem sua própria realidade social (MORAES e ALVES, 2010).

Porém, segundo Amarante (2009), em algumas situações o profissional de jornalismo é classificado como 'chato', como um ser que incomoda com sua série de questionamentos. A autora vê essa imagem negativa como identidade positiva: "se

está incomodando, é por estar exercendo sua função de caçador incansável da notícia” (AMARANTE, 2009, p. 97). Dessa maneira, pode-se entender que o jornalista que incomoda, o “caçador da notícia” é o ideal da profissão.

A autora também insiste que incomodar é a missão do jornalista. E, nesse sentido, vários ângulos podem se tornar notícia. “Se falam mal dele, isso é notícia; se não falam com ele, também. Para trabalhar, ele enfrenta a concorrência de centenas de colegas: isso também é notícia” (AMARANTE, 2009, p. 108).

Moraes e Alves (2010) afirmam que é função do jornalista mostrar a realidade dos fatos, já que a verdade é construída a partir da interpretação.

Uma notícia é basicamente uma versão de um fato, que através da confirmação das fontes, dos entrevistados, pode ser considerada verdade. Mesmo assim, a fonte pode estar mentindo, por isso é preciso que a história, para ser considerada real, se confirme por mais de uma versão de diferentes pessoas ou instituições (MORAES e ALVES, 2010, p. 33-34).

A credibilidade do profissional de jornalismo e do veículo de comunicação está associada à qualidade da informação transmitida ou repassada. Moraes e Alves (2010, p. 34) comparam a situação às leis de mercado: “a informação deve ser de qualidade ou o cliente/leitor reclama”.

Nesse sentido, Chaparro (1994) faz uma série de observações das ações opostas ao que rege o jornalismo:

O escamoteio ou a distorção de informações; as pautas motivadas por interesses particulares não revelados; a irresponsabilidade com que se difundem falsas informações ao público; a acomodação dos repórteres a um jornalismo de relatos superficiais; os textos confusos e imprecisos; a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar, denúncias que favorecem ou prejudicam alguém; a frequente prevalência dos objetivos do marketing sobre as razões jornalísticas [...] são claros sintomas de um desequilíbrio de identidade do jornalismo, enquanto função social (CHAPARRO, 1994, p. 108).

A partir das ponderações de Chaparro (1994), Santos e Pinto Jr (2014) acreditam que o jornalismo não cumpre, de modo satisfatório, sua função social. Quando cumpre seu dever corretamente diante da sociedade, “é comum vermos jornalistas serem erguidos à posição de heróis” (SANTOS E PINTO JR, 2014, p. 5).

“Ser repórter é, além de redigir uma notícia, representar alguém – no caso, a sociedade que o assiste” (LUCINDA, 2008, p. 36). Assim, Lucinda (2008) sustenta a ideia de classificar o repórter e/ou jornalista como “herói da informação”. Ela justifica:

Herói porque lida com qualquer desafio em prol de um bem coletivo. Passa por dificuldades, mas as vence. E quando devolve o resultado de seu trabalho (a informação) à comunidade, seu “elixir” (= troféu, prêmio) é o aprendizado conquistado durante a aventura e também o reconhecimento pelo bem social que proporcionou (podemos destacar, por exemplo, as mudanças positivas que uma reportagem de denúncia pode provocar) (LUCINDA, 2008, p. 36).

Herói não é apenas aquele ser dotado de ações especiais. No jornalismo, herói é considerado aquele que, além de profissional, é humano, que se coloca no lugar do outro e busca incansavelmente pela melhor maneira de contar um fato ou acontecimento presenciado. Para Moraes e Alves (2010), em alguns casos o jornalista ocupa a posição de construtor da realidade social. Já Amarante (2009) o separa em duas situações: o profissional e o personagem. Conforme a autora, o profissional se refere “quando a informação a ser dada está diretamente ligada à sua atividade profissional” (AMARANTE, 2009, p. 83). Como personagem, está se referindo às notícias sobre o jornalista, que, por coincidência, exerce o jornalismo.

É papel do jornalista transmitir acontecimentos e, conforme Lucinda (2008), a matéria deve ser o mais objetiva possível, tornando-se de fácil compreensão ao público receptor. A autora ainda sugere que, nas reportagens de TV, o repórter pouco apareça na matéria, ao contrário do que acontece no Profissão Repórter, onde a veiculação de imagens dos bastidores dá mais espaço aos jornalistas.

O profissional deve, ainda, ser imparcial e não expressar opinião. Entretanto, Amarante (2009) conclui em sua pesquisa que isso não acontece em algumas situações. Escolhas linguísticas, por exemplo, revelam posicionamentos dos jornalistas em relação aos fatos. A forma escolhida pelo profissional para descrever um acontecimento não deixa de ser um posicionamento, que passa despercebido pela maior parte da população.

Santos e Pinto Jr (2014) também elencam três princípios como norte da profissão de jornalista. São eles:

Compromisso em obter informações o mais preciso possível; responsabilidade com o próximo (no caso, a sociedade como um todo); e a vigilância constante da situação até que esta seja resolvida – evitando assim o descaso e abandono do problema encontrado, a fim de que o trabalho feito pelo jornalista renda o melhor resultado possível para a população (SANTOS E PINTO JR, 2014, p. 5).

Curiosidade e faro do que pode se tornar notícia também são características que devem caminhar ao lado do jornalista. Os profissionais da área jornalística possuem, em âmbito geral, o dever de informar a sociedade, fazendo com que a população esteja situada no tempo e espaço. A comunicação deve ocorrer de maneira honesta, expondo os fatos de forma clara e objetiva. O trabalho do jornalista não pode ser considerado, simplesmente, um relato de verídicos fatos que englobam a sociedade. Esse profissional contribui, como agente social e por meio da comunicação, para a construção da realidade.

Precht (2013) acredita que o jornalismo é capaz de produzir e também reproduzir conhecimentos, de forma válida e útil, para pessoas e sociedades em que estão introduzidos. Dessa maneira, é possível assegurar que o jornalismo, e conseqüentemente o jornalista, está ligado à formação de opinião e posicionamento pessoal diante dos fatos diários.

As notícias são somente um pedaço extraído da realidade, dentre os tantos recortes diferentes que podem ser efetuados. No entanto, o jornalismo deve seguir uma verdade funcional. Sequeira (2005, p. 72) revela que “a ‘verdade jornalística’ precisa estar assentada na correspondência (precisão) e na coerência (interpretação), o que, jornalisticamente, significa ‘apurar direito os fatos e dar-lhes sentido’”. Assim, cabe afirmar que a busca pela verdade deve ser constante e sempre presente, uma vez que os fatos podem interferir na formação de opinião de toda uma sociedade.

O jornalismo investigativo pode ser diferenciado da categoria noticiosa, em síntese, pelo fato processual de trabalho do profissional, ou seja, através das estratégias utilizadas pelos jornalistas na apuração das informações. Sequeira (2005) explica:

O simples fato de um texto jornalístico conter cifras, estatísticas, porcentagens econômicas, documentação e declarações não o define como jornalismo investigativo, já que todas essas informações podem ter sido obtidas de uma fonte oficial, extraída de documentação ou entregue em forma de *press-release* (2005, p. 62).

É importante ressaltar, segundo Precht (2013), que responsabilidade, verdade, subjetividade, realidade e objetividade se unem em um objetivo comum: fazer jornalismo com seriedade. Isso tanto em forma de representação da realidade social como em forma de conhecimento.

3 MÉTODO

A metodologia é um campo amplo, responsável por definir estratégias de pesquisa, ou seja, escolher caminhos para que fenômenos possam ser descritos, explicados e esclarecidos. A pesquisa utilizada neste trabalho foi a qualitativa, que sugere optar por poucas fontes de qualidade, oportunizando relações próximas entre pesquisador e entrevistado. Denzin e Lincoln (2005, apud FLICK, 2008, p. 16) descrevem a pesquisa qualitativa de maneira simples: “é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo [...]”. Através desta pesquisa, pode-se representar situações diversas através de entrevistas, imagens, gravações, conversas, notas adquiridas no campo e anotações pessoais, por exemplo.

A pesquisa quanto aos fins foi do tipo exploratória e descritiva. A primeira permite se familiarizar com o problema a ser estudado. Gil (2008) diz que ela pode envolver pesquisa bibliográfica e entrevistas com pessoas que tenham experiência no assunto proposto para ser estudado. Enquanto isso, a pesquisa descritiva consiste em descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, se valendo de técnicas de coleta de dados, como questionário e observação sistemática.

Os tipos de pesquisa utilizados quanto aos meios foram do tipo bibliográfica, documental e estudo de caso. Cada uma tem características particulares. Num sentido amplo, Stumpf (2008) define a pesquisa bibliográfica como um planejamento

global que dá início a qualquer tipo de trabalho que exige pesquisa. Consiste na identificação, localização e conquista da bibliografia sobre o tema a ser investigado. Por fim, o pesquisador apresenta, em um texto estruturado, todo o material examinado e nele evidencia o pensamento de teóricos, interligando com ideias do autor do projeto.

Durante a realização da pesquisa, [...] a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno [...]. E, para concluírem efetivamente seu trabalho, precisam divulgar [...] os resultados alcançados (STUMPF, 2008, p. 54).

Já a análise documental costuma ser utilizada em casos de resgates históricos de meios de comunicação, personagens ou, até mesmo, períodos. Moreira (2008, p. 272) diz que a “análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. O autor completa que, pesquisas científicas, podem ser consideradas, ao mesmo tempo, método e técnica. “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2008, p. 272). Na maioria das vezes, é incluída em pesquisas qualitativas, verificando o teor e conteúdo do material anteriormente selecionado para análise. O principal documento de análise nesta monografia foi o programa Profissão Repórter.

Também é um estudo de caso, que pode ser entendido, conforme Yin (2001, apud DUARTE, 2008, p. 32), como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real”. Castro (1977, apud DUARTE, 2008, p. 88) acrescenta que “o interesse não é pelo caso em si, mas pelo que ele sugere a respeito do todo”.

Por ser um estudo de caso, a amostra escolhida para este trabalho foi a não probabilística, tanto por acessibilidade quanto por tipicidade. Acessibilidade porque foram analisadas apenas algumas edições do programa Profissão Repórter, da Rede Globo, e tipicidade porque foram selecionados temas envolvendo o trabalho do jornalista para aprofundar o conhecimento: como se posiciona diante das fontes e quanto tempo permanece em cena, por exemplo.

Nesta pesquisa, para auxiliar na compreensão da produção do programa, vários foram os profissionais entrevistados: Márcia Gonçalves (edição de texto), Mônica Pinheiro (chefia de reportagem), Luiz Felipe Saleh (cinematista), Alexandre Grammont (edição de texto) e Janaina Pirola (editora-chefe). Para que as entrevistas se tornassem possíveis, foram utilizados e-mails e telefonemas. Os temas questionados abordam o processo de construção do programa, dia a dia das equipes do Profissão Repórter, escolha e relacionamento com as fontes, dentre outros. À Janaina Pirola, foram dirigidas questões que obedecem à categoria aberta, quando não há sequência determinada de questionamentos ou um parâmetro de respostas. Duarte (2008) acredita que esse tipo de entrevista é rico em descobertas, sendo essa essencialmente exploratória e flexível. “Uma das dificuldades é que o pesquisador deve ter afiada capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade” (DUARTE, 2008, p. 65). No entanto, nos demais casos, se fez uso de entrevistas em categoria fechada, uma vez que as conversas aconteceram virtualmente, por e-mail, por exigência dos entrevistados.

Para o tratamento de dados foi utilizada a análise textual. Ela pode ser entendida como “processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados” (MORAES, 2007, p. 87). Apesar do nome, o termo análise textual não se insere, somente, aos textos, mas sim às entrevistas, observações, depoimentos, gravações, filmagens, entre outros. Assim, todos esses materiais precisam ser escritos para posterior análise.

Neste trabalho, também foram analisados vídeos de programas já veiculados. Analisar estes elementos consiste em o pesquisador ser capacitado para identificar e isolar enunciados. Também é preciso categorizar e produzir textos, onde deve-se inserir interpretação e descrição dos acontecimentos, mas de maneira sintetizada.

Interpretar significa criar elos entre descrições e teorias básicas para a pesquisa, o que também é fundamental no processo de tratamento de dados e construção do trabalho. “Interpretar é teorizar sobre o objeto de pesquisa. É tentar explicá-lo, produzindo razões e argumentos de maneira ordenada. É mostrar novas compreensões atingidas dentro da pesquisa” (MORAES, 2007, p. 99).

A análise textual é subdividida em três níveis: o todo, que consiste no texto cru (transcrição de entrevista, por exemplo); unidades, que são as frases mais importantes do material; e categorias, que são palavras que resumem as unidades. Assim, uma análise textual nada mais é que um esforço de síntese das categorias, as lógicas predominantes das falas (MORAES, 2007).

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O ano de 1965 é importante e marcante na história da Rede Globo de Televisão. Em 26 de abril, Roberto Marinho (o fundador da emissora) inaugurava a TV Globo, no canal 4, com sede no Rio de Janeiro. Posteriormente, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife também receberam a emissora. Esse processo se deu em 1966, 1968, 1971 e 1972, respectivamente (GRUPO GLOBO).

O conceito de rede nacional de televisão surgiu no começo de 1975¹, quando já contava com emissoras próprias e outras afiliadas, espalhadas por todo o Brasil (GRUPO GLOBO). A RBS TV, com sede em Porto Alegre, é um exemplo de afiliada.

Vinte anos depois, a rede de televisão inaugurava o Projac, sediado no Rio de Janeiro. O complexo é considerado o maior da América Latina, no que diz respeito à produção audiovisual. A Globo News, por sua vez, estreou em outubro de 1996. É considerado o primeiro canal de TV por assinatura no País, que é responsável por fornecer notícias a todo momento, 24 horas por dia (GRUPO GLOBO).

Apesar de trabalhar voltada a uma linha popular (PATERNOSTRO, 1999), a TV Globo nasce com uma proposta diferente: unir entretenimento e notícia na programação diária. Conforme Villela (2008), a emissora reuniu experiências de quatro concorrentes da televisão: TV Rio, Excelsior, Record e Tupi. Assim, depois de várias tentativas, surge o Jornal Nacional (1969), considerado até hoje um dos telejornais mais relevantes no cenário brasileiro. Foi ele, inclusive, o primeiro programa lançado em nível nacional e retransmitido ao vivo para as emissoras

¹ Informações obtidas no endereço eletrônico: www.grupoglobo.globo.com, acessado em fevereiro de 2016.

afiliadas (PATERNOSTRO, 1999). Voltado ao jornalismo, o programa teve seus princípios idênticos aos do Repórter Esso: “dinâmica de notícias, síntese e objetividade. A inovação ficou por conta da valorização da imagem e da linguagem, optando pelo vocabulário coloquial, além da introdução de sonoras – entrevistas filmadas” (VILLELA, 2008, p. 22).

Em 1999, registram-se dois marcos na história da Rede Globo de Televisão: em janeiro é inaugurada a nova sede em São Paulo e, dessa vez, a emissora já funciona completamente em sistema digital; em agosto a TV Globo Internacional é lançada nos Estados Unidos e também no Japão. Em 2013, a emissora já contabilizava o acesso a mais de cem países (GRUPO GLOBO).

O Profissão Repórter também faz parte da história da emissora. O programa surgiu em abril de 2006, como um especial do Globo Repórter. Um mês depois, passou a ser exibido em forma de quadro dentro do Fantástico, apresentado, nas noites de domingo, na Rede Globo de Televisão. Em 2008, ganhou espaço especial na grade oficial de programas da emissora (PROFISSÃO REPÓRTER). Em 2016, completa dez anos de sucesso.

Atualmente, é exibido nas noites de quarta-feira, por volta das 23h45min. O programa segue com a direção de Caco Barcellos e tem a participação de jovens jornalistas, os quais atuam em todo o processo de construção da notícia. “Profissão Repórter mostra uma espécie de cena do jornalismo: onde tudo acontece, como se faz para produzir notícia e com quais condições e dificuldades” (BASTIAN E KLEIN, 2007, p. 1). Os autores ainda complementam:

Mostrar como se filma, como se produz uma reportagem, como se faz uma entrevista, pode ser uma forma de naturalizar, por meio da discussão e desmontagem, o lugar do jornalismo como protagonista do ato de contar a atualidade (BASTIAN E KLEIN, 2007, p. 12).

Ao transformar os bastidores em notícia, demonstra os desafios enfrentados pelos profissionais, o que difere o Profissão Repórter dos demais programas televisivos jornalísticos, não somente da Rede Globo, mas de toda a televisão brasileira. Para Bastian e Klein (2007), o profissional acaba por fazer o papel de ator na notícia, interagindo com os fatos no processo de construção da matéria.

“Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem, agora no Profissão Repórter”. O bordão é um marco na história de dez anos do programa global. Um dos principais objetivos do Profissão Repórter é justamente retratar os desafios enfrentados pelos jornalistas na produção das reportagens.

Buscando entender a forma como o semanal constrói a imagem do jornalista, analisamos sete dos 28 programas exibidos na segunda parte da temporada de 2015, entre junho e dezembro, quando o Profissão Repórter ainda ia ao ar nas noites de terças-feiras (hoje é exibido às quartas-feiras). Foram escolhidos aleatoriamente sete programas, um de cada mês: “Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente” (exibido em 9 de junho de 2015); “Treze milhões de brasileiros não sabem ler e escrever” (21 de julho de 2015); “Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar” (11 de agosto de 2015); “Valas comuns numeradas são usadas para pessoas desconhecidas” (1º de setembro de 2015); “Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina” (27 de outubro de 2015); “Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade” (10 de novembro de 2015); e “Rompimento de barragem em Minas Gerais completa um mês sem respostas” (08 de dezembro de 2015)².

Os sete programas analisados foram escolhidos entre os vídeos disponíveis no site do Profissão Repórter³, pela facilidade de acesso⁴. A maneira de agir dos repórteres pouco muda de uma edição para outra. Por isso, entende-se que 25%, o que equivale a sete programas, são suficientes para analisar a forma como o Profissão Repórter trabalha a imagem do profissional, mostrando os bastidores do trabalho jornalístico.

Optou-se por descrever os programas tomando por base apenas as informações que interessavam ao trabalho, para que o objetivo de entender como o Profissão Repórter constrói a imagem do jornalista fosse atingido. Para a análise,

² Os títulos são apenas uma referência para facilitar a compreensão deste trabalho. Eles foram extraídos das publicações disponíveis no site do Profissão Repórter.

³ ENDEREÇO VIRTUAL: <http://g1.globo.com/profissao-reporter>. Dele foram extraídos os programas analisados neste trabalho.

⁴ A escolha se deu de forma aleatória, uma vez que nem todos os programas podem ser visualizados no site.

elencamos dez categorias, sendo que algumas delas contêm subcategorias. São elas:

1. Perguntas feitas pelos repórteres: nesta categoria, analisa-se se os questionamentos são breves e diretos, como Villela (2008) indica ser o ideal do jornalismo;

2. Frequência com que são reconhecidos erros de apuração dos repórteres: busca-se verificar se nas conversas com o diretor Caco Barcellos, veiculadas no programa, são apontadas falhas dos jornalistas.

3. Destaque aos jornalistas e às fontes: verifica-se se é mais recorrente a apuração através de entrevistas ou os repórteres explicando as situações exibidas.

- Frequência com que os jornalistas explicam os fatos no lugar das fontes: investigar se o procedimento é adotado e com que frequência nas edições analisadas.

4. Pesquisas prévias sobre o tema: pretende-se analisar se o Profissão Repórter mostra a equipe fazendo algum tipo de pesquisa sobre o assunto que será abordado no programa.

- Conversa com fontes: averiguar se é possível, em tela, identificar os repórteres conversando com as fontes antes das entrevistas.

5. Expressão de opinião: busca-se notar se há expressão opinativa dos jornalistas em algum momento do programa.

6. Ajuda às fontes: investigar se os repórteres tentam prestar algum tipo de auxílio aos entrevistados.

- Repórter no lugar da fonte: busca-se verificar se os repórteres se colocam no lugar das fontes, vivenciando a sua realidade, e de que maneira.

- Horário das gravações: verificar se os jornalistas acompanham os cases em qualquer momento do dia ou à noite, uma vez que a profissão não se limita a horários exatos de trabalho.

7. Entrevistas remuneradas: analisar como eles tratam a categoria em questão, se existem casos de pagamento por entrevistas ou não.

8. Número de fontes entrevistadas: averiguar a quantidade de fontes por programa analisado.

9. Linguagem comum: observar se os jornalistas adotam uma linguagem simples e adequada a cada fonte e ao público.

10. Câmeras escondidas: investigar se a medida, considerada contrária aos princípios do jornalismo pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), é utilizada pelo programa.

Como os temas analisados surgem a partir da análise prévia dos programas, tratam-se de categorias emergentes. As dez categorias foram selecionadas observando o objetivo central da pesquisa: investigar o processo de construção da imagem do jornalista através do Profissão Repórter. Elas podem ser consideradas relevantes para entender a forma como o programa constrói a imagem do jornalista, verificando os métodos de trabalho e atuação exibidos no programa. A partir das categorias, realiza-se uma descrição dos episódios analisados, com foco nas situações definidas como relevantes para se atingir os objetivos da presente pesquisa.

4.1 Cirurgias Plásticas

“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente” foi exibido em 9 de junho de 2015. Em 35min37seg de programa, os repórteres fazem 96 perguntas, sendo que todas podem ser consideradas objetivas e claras. Isso pode ser justificado pelas palavras empregadas pelas equipes de reportagem na formulação dos questionamentos, de fácil compreensão, além de

serem curtos. A maneira de atuar, segundo Villela (2008), está correta. Ela acredita que questões simples e bem construídas são princípios básicos das entrevistas. A simples e amigável atuação do repórter pode ser percebida em todos os diálogos. Um exemplo disso é a atuação de Estevan Muniz, que acompanha uma turma que fará cirurgias fora do País. Ele é direto e objetivo: “Sua mãe não sabe o que você vai fazer? E quantos anos você tem, posso perguntar?”.

Mesmo tendo o propósito de apresentar bastidores do jornalismo, o programa não mostra nenhum tipo de falha dos repórteres. Essa edição, ao contrário das demais analisadas neste trabalho, mostra Caco Barcellos e a repórter Danielle Zampollo conversando sobre a produção de conteúdo. As intervenções ocorrem de maneira aleatória, em sete oportunidades, totalizando 01min37seg.

Neste programa é perceptível que, na maior parte do tempo, repórteres e fontes aparecem juntos em tela, representando 06min55seg. Em segundo lugar, ficam apenas os jornalistas, com 05min38seg. Por fim, vêm as fontes, com apenas 03min49seg de aparição. No restante do tempo, os repórteres explicam situações que envolvem o tema, oportunidade em que relacionam a fala às imagens, normalmente em *offs*. Esse tempo varia de uma edição para outra. Nas reportagens de televisão, Lucinda (2008) sugere que o repórter pouco apareça nas matérias.

O Profissão Repórter, nesta edição, não mostra os repórteres conversando com as fontes antes da entrevista em si, nem sem microfone ou explicando a forma como será o diálogo. A impressão que se tem é que toda conversa é usada como conteúdo para o programa. No entanto, cabe lembrar que na edição repórteres e editores selecionam o que merece ou não aparecer. Outro detalhe importante é quanto à aparição dos repórteres, que acontece em qualquer momento do dia ou da noite. Neste programa, por exemplo, 08min33seg são dedicados a gravações noturnas.

No debate com a repórter Danielle Zampollo, Caco Barcellos e a profissional falam sobre os riscos de aplicar silicone ilegalmente ou sem acompanhamento de profissional estético e especializado. Além desses momentos de conversa e, de certa forma, posicionamento, não se faz uso de termos que indiquem claramente

que os jornalistas estão emitindo suas opiniões. Essa maneira de agir está correta, conforme Villela (2008), que diz que o jornalista não pode se posicionar a favor de ninguém, uma vez que a imparcialidade faz parte da ética jornalística.

Os repórteres acompanham todas as angústias das fontes. No entanto, os profissionais não tentam ajudá-los e nem pagam por entrevistas. Um dos cases até exige um valor para falar, mas o programa se nega e, então, prefere não usá-lo. Apesar de não ajudarem os entrevistados, os repórteres tentam vivenciar as dificuldades das fontes. Nesse caso, eles andam de ônibus e acompanham procedimentos de cirurgias plásticas.

Por programa, muitas são as fontes entrevistadas: nessa edição, são 28. A linguagem, tanto nos questionamentos quanto ao contar as histórias, é bastante simples e compreensível a todos os públicos. Nesse caso, apenas em entrevistas a fontes estrangeiras a compreensão fica um pouco prejudicada, mas o programa busca corrigir isso com legendas e traduções, orientando os telespectadores.

Mesmo não sendo divulgado através das imagens, pode-se entender que a equipe de produção e os repórteres fazem pesquisa prévia sobre os temas abordados, uma vez que apresentam dados variados e vão além dos cases, trazendo números de caráter nacional. Nessa edição, por exemplo, logo no começo do programa, Caco Barcellos contextualiza: “1,5 milhão de operações por ano. O Brasil é o recordista mundial em cirurgias plásticas”. O dado representa que houve pesquisa.

Para conquistar mais informações sobre temas polêmicos, como é o caso tratado nesse programa, existem situações que exigem a utilização de câmeras escondidas. Nessa edição, uma equipe faz uso de um gravador/microfone escondido, visando mostrar que um estabelecimento comercializa silicone para travestis, os quais injetam o líquido de maneira ilegal. No entanto, a comercialização é permitida. O uso do gravador foi necessário pois, frente à câmera, o atendente não divulgou que o óleo era vendido àquele público.

Outra situação verificada no programa exibido em junho de 2015 foi a possibilidade de acompanhar uma aplicação ilegal, mas sem identificar as pessoas envolvidas.

4.2 Analfabetismo

O segundo programa analisado foi exibido no dia 21 de julho de 2015: “Treze milhões de brasileiros não sabem ler e escrever”. Com uma duração de 34min52seg, os repórteres aplicam 90 perguntas às fontes. Pode-se considerar que a maioria é objetiva e clara. Uma exceção se observa na entrevista que a repórter Mayara Teixeira faz com o secretário municipal de Educação de Alagoinha do Piauí, Marcio Ribeiro, quando ela pergunta:

Mas isso não foi feito, porque, por exemplo, quando a gente conversa com pessoas aqui na praça mesmo, muitas delas dizem que receberam convites pra fazer parte dessas turmas e que, no final, não tinham aula, e assim, vizinhos: o vizinho vai lá e pede pra colocar o nome na lista. A Secretaria não sabia disso?.

Nesse programa, se observa ainda que, em entrevistas com analfabetos, a explicação é mais contextualizada, possivelmente para tornar os questionamentos mais simples e claros.

Diferente do primeiro programa analisado, nessa edição o Profissão Repórter não mostra Caco Barcellos dialogando com os repórteres. Dessa forma, não há troca de ideias e apontamento de falhas, as quais podem ter sido removidas no processo de edição. Também não se observa a expressão explícita de opinião por parte dos jornalistas neste programa.

Nessa edição, jornalistas e fontes aparecem juntos na tela com mais frequência: 08min23seg. Em segundo lugar, aparecem apenas as fontes, que ficam em cena por cerca de 04min31seg. Por último, aparecem os repórteres, que, nesse programa, aparecem sozinhos em apenas 01min42seg. No decorrer da narrativa, é comum os profissionais falarem sobre a vida das fontes nos *offs*, trazendo detalhes como grau de instrução ou se frequentam aulas atualmente. Porém, isso ocorre

somente nos *offs*, não nas passagens diante da câmera. Repórteres, em alguns casos, também explicam situações no lugar das fontes. Podemos perceber isso nas suas inserções em ambientes, como salas de aula e cidade. Durante o diálogo entre a repórter Eliane Scardovelli e o pintor Edilson Oliveira, no interior de um ônibus, a profissional usa a seguinte expressão: “Hoje, Edilson reconhece isso (a falta da alfabetização). Voltou a estudar porque comprou um carro, mas não pode dirigir”. Essa, certamente, foi uma informação dada pela fonte, mas revelada pela jornalista.

Pode-se perceber que o Profissão Repórter não mostra os repórteres conversando com as fontes antes das entrevistas, embora haja uma exceção. Em uma entrevista, a fonte não permite a entrada da câmera em sua residência. Apesar de a repórter ingressar com o microfone na moradia, o áudio é cortado, e nas imagens apenas aparece a jornalista no interior da casa. Mesmo após minutos de conversa, na tentativa de convencer a entrevistada a dar sua versão, ela não aceita conceder entrevista. Além de deixar claro que houve conversa prévia, a situação pode ser considerada uma gravação escondida.

A exemplo da edição anterior, os profissionais acompanham as fontes em todos os momentos necessários, tanto de dia quanto à noite. Em quase 35min de programa, os repórteres aparecem aproximadamente 06min13seg à noite, contando histórias que envolvem personagens e analfabetismo.

Como na edição observada anteriormente, o Profissão Repórter não mostra os repórteres pagando por entrevistas. A diferença é que nessa edição não aparecem debates sobre a questão. No entanto, nesse programa, diferente do primeiro, os profissionais prestam auxílio a algumas fontes. Um repórter orienta um analfabeto na busca por emprego e outra tenta ajudar um grupo de crianças a ler. Sobretudo, essas ações não tomam muito tempo do programa. Nesse caso, os profissionais também se colocam no lugar da fonte. Isso pode ser percebido na cena em que uma repórter comenta: “imaginem o que ele (analfabeto) faria se nós não estivéssemos aqui”. O diálogo acontece quando um analfabeto, que está em processo de alfabetização, vai ao mural para analisar as vagas de emprego. Entretanto, como ele ainda não sabe ler, a repórter lhe explica o que dizem os cartazes.

Trinta e nove são as fontes entrevistadas na edição de 21 de julho de 2015. E essa é uma característica importante do semanal: entrevistar muitas fontes, buscando ouvir várias versões e ângulos do mesmo assunto. Como dizem Moraes e Alves (2010, p. 33 - 34), “uma notícia é basicamente uma versão de um fato, que através da confirmação das fontes, dos entrevistados, pode ser considerada verdade”.

Ainda tratando das fontes, considerando que grande parte delas é analfabeta ou frequentou a escola por pouco tempo, pode-se verificar que a linguagem utilizada na construção do programa é bastante simples. Assim, não há emprego de nenhum termo que possa ser considerado de difícil compreensão.

O Profissão Repórter não mostra a equipe fazendo pesquisa prévia sobre o tema. No entanto, traz alguns dados que podem sustentar que ela aconteceu antes das gravações, como na explicação concedida pela repórter Mayara Teixeira, logo ao chegar em Alagoinha do Piauí. Ela informa, após uma breve passagem pela cidade: “O motivo de tudo (desconfiança da população e incômodo) isso é um ranking nacional. Esse aqui é o município de Alagoinha do Piauí. Segundo o IBGE, a cidade com maior número de analfabetos em idade adulta”. Nesse caso, o IBGE foi consultado antes de a repórter ir a campo e, justamente pelo dado, a equipe se deslocou até o município, que fica no Piauí.

4.3 Dificuldades para estudar

Exibido em 11 de agosto de 2015, “Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar” foi o terceiro programa analisado neste trabalho. Todas as 113 perguntas aplicadas pelos repórteres podem ser consideradas simples e diretas, uma vez que boa parte dos entrevistados são crianças e jovens, os quais encontram dificuldades para conseguirem frequentar o colégio. Aqui, o semanal tem duração de 34min59seg.

Nessa edição, a exemplo da analisada anteriormente, Caco Barcellos não promove discussão ou conversa com os repórteres. Nesse programa, ele também

atua como repórter e acompanha as dificuldades enfrentadas pelos alunos diariamente. Pode-se entender, dessa forma, que os repórteres se colocam no lugar das fontes, acompanhando, inclusive, os trajetos feitos pelos estudantes até a escola. A equipe também mostra a realidade de algumas famílias e escolas.

Repórteres e fontes, juntos, são os que mais aparecem em tela: 05min30seg são dedicados a eles. Depois vêm as fontes, que permanecem em cena sozinhas 03min55seg. Em seguida, no terceiro lugar, aparecem apenas os jornalistas, que ficam sozinhos em cena por 01min32seg. Nesse programa, os repórteres fazem, inclusive, várias explicações no lugar das fontes, como no interior do pau de arara, quando Caco Barcellos fala (em *off*): “Olha aí como é que é as condições da estrada”. A descrição, certamente, poderia ter sido feita por uma fonte. No entanto, a produção pode ter julgado que, naquele momento, era importante a intervenção do repórter.

Geralmente, o Profissão Repórter não mostra, antes da entrevista, conversa entre repórteres e fontes. Aqui, pode-se entender, ainda, que algumas entrevistas podem ter sido agendadas previamente. Um exemplo é a chegada da repórter Mariana Fontes em Vão de Almas, um quilombo habitado por descendentes de escravos. A profissional fala logo após adentrar na moradia: “A senhora que é a dona Irani”? A partir disso, pode-se entender que a repórter foi ao local já sabendo com quem iria falar, o que indica agendamento prévio.

Nessa edição, não fica clara a expressão de opinião, mas, em uma das cenas, a repórter Mariana Fontes fala para um pai: “é uma guerreira sua filha, viu, é cansativo esse percurso que ela faz”. A expressão tem um adjetivo/elogio e, de certa forma, pode ser considerada uma opinião da profissional.

O grupo de repórteres acompanha as fontes a qualquer momento do dia e também à noite. As aparições de imagens noturnas somam 07min, o que vai ao encontro do defendido por Dines (2009): o desempenho de sua atividade diária não se limita ao horário de trabalho.

Com a força de emissora nacional, o Profissão Repórter consegue, de certa forma, emitir um alerta para a situação em que se encontra o transporte escolar em áreas rurais brasileiras. Na edição de 11 de agosto de 2015, um total de 54 fontes são entrevistadas, entre estudantes, moradores e pais. O programa não mostra pagamento por nenhuma entrevista. A linguagem utilizada pelos repórteres é comum e clara, inclusive por parte de Caco Barcellos, que também vai a campo nessa edição. Nenhum termo considerado de difícil compreensão foi empregado pelos profissionais. A linguagem é um quesito de qualidade, conforme Hohlfeldt (2001). Consequentemente, quanto mais clara e objetiva, mais fácil de ser compreendida.

O programa não mostra, em cena, a equipe fazendo pesquisas prévias sobre o tema, embora dados indiquem que possa ter ocorrido algum tipo de busca informativa antes da veiculação. Um exemplo claro pode ser observado quando Caco Barcellos fala do estado de conservação de uma via em Marajá do Sena, no Maranhão. No trajeto, ele encontra o prefeito do município, Edivan Costa, que diz que a obra é um compromisso do Governo do Estado. A equipe de reportagem fez, então, contato com os responsáveis. Conforme Caco, “o Governo do Maranhão informou que já notificou a construtora para retomar a obra da estrada, e que a atual gestão não fez nenhum pagamento à empresa”. Nesse caso, possivelmente, o contato com o governo estadual se deu após a ida da equipe ao local.

Por fim, uma questão avaliada e não verificada nessa edição foi o uso de câmeras escondidas. Por mais que Bistane e Bacellar (2006) acreditem que uma microcâmera possa ser importante para dar credibilidade ao conteúdo, o Profissão Repórter raramente faz uso do recurso, como confirma a editora-chefe Janaina Pirola, pois a equipe sempre dá preferência àqueles entrevistados que aceitam conceder entrevista de rosto aberto.

4.4 Desaparecidos

“Valas comuns numeradas são usadas para pessoas desconhecidas” foi ao ar em 1º de setembro de 2015. Todas as perguntas aplicadas pelos repórteres são breves e diretas, embora, em comparação às demais edições, elas sejam feitas em

menor quantidade: são apenas 38 questionamentos em 35min01seg de programa. Bistane e Bacellar (2006) sugerem, inclusive, que, antes da gravação, o repórter já questione as fontes sobre algumas situações.

Nesse programa, o jornalista Caco Barcellos não promove conversa com sua equipe de repórteres. Portanto, não há apontamento de falhas ao longo dessa edição.

Fontes (sozinhas) são as que mais aparecem em cena nessa edição do Profissão Repórter, com 09min12seg. Depois, em segundo lugar, ficam os jornalistas, que aparecem sozinhos em tela por 02min55seg. Por último, aparecem ambos (repórteres e fontes juntos) em 02min21seg do tempo. Nesse programa, a maioria dos jornalistas é vídeo-repórter (além de fazer as perguntas, o jornalista também opera a câmera), o que acaba justificando que as fontes fiquem em mais evidência.

No decorrer do programa, não é possível verificar repórteres conversando com as fontes antes da entrevista. Mas, em algumas situações, fica claro que houve agendamento prévio. Villela (2008) argumenta que cada entrevistado é diferente. Por isso, sugere que a individualidade de cada um seja identificada e compreendida, o que muitas vezes pode acontecer apenas pelo jeito de ser de cada pessoa. O programa mostra, também, uma repórter solicitando permissão para acompanhar algumas fontes. Nos momentos em que não permitem sua entrada com câmera, ela respeita e segue a ordem.

A opinião dos repórteres não é explicitada de forma clara nesse programa. Da mesma forma, em comparação às edições anteriores, a maneira de atuação dos repórteres é um pouco diferente: o acompanhamento se dá apenas ao dia, não havendo intervenções à noite.

Nessa edição, percebe-se também que os profissionais não tentam ajudar as fontes. A exemplo dos demais programas já listados, o Profissão Repórter não paga por entrevistas.

Vinte e sete são as fontes entrevistadas nesta edição do Profissão Repórter. Em grande parte do programa, a linguagem empregada é comum. Um termo, em específico, acreditamos que possa não ser compreendido por todos os públicos espectadores: lápide, que significa pedra com inscrição que comemora algum fato ou que celebra a memória de alguém. Talvez o emprego de uma palavra mais simples facilitaria a compreensão de todos os públicos receptores. Por outro lado, quando a repórter Danielle Zampollo fala em lápide, as pedras com escritas aparecem, mesmo de longe, o que acaba, de certa forma, auxiliando os telespectadores na compreensão.

Imagens de arquivo da entrevistada Mercês Castro, que procura pelo irmão Raul, desaparecido na Guerrilha do Araguaia, na década de 70, provam que houve pesquisa, uma vez que foi necessário buscar esses materiais. O caso, inclusive, vinha sendo acompanhado pelo repórter Victor Ferreira por três anos, não havendo sucesso nas buscas. O jornalista também aparece em algumas das imagens arquivadas. No entanto, um arquivo da Rede Globo, de setembro de 1990, exibido logo no começo do programa, mostra de maneira mais clara que houve pesquisa para a conclusão da edição. O dado lembra que, naquela época, no mesmo cemitério visitado pela equipe de reportagem, foi encontrada uma vala clandestina com ossadas de desaparecidos políticos. Não é possível afirmar se, nesse caso, a pesquisa foi prévia ou posterior à coleta de informações em campo.

Nesse programa, pode-se dizer que os repórteres se colocam no lugar das fontes. Isso pode ser percebido no sorriso expresso na face do repórter Guilherme Belarmino já perto do final do programa. Na cena, Olga da Silva conversa, virtualmente, com dois filhos que deu para adoção: Flávia e Fausto. O reencontro se deu graças a Lindalva Matos, que auxilia na busca de maneira voluntária.

Nessa edição, câmeras escondidas não são usadas. Uma repórter usa, apenas, um celular para gravar a entrada de fontes no Instituto Médico Legal (IML), onde não a permitem ingressar com câmera de vídeo.

4.5 O maior lixão da América Latina

No dia 27 de outubro de 2015 foi ao ar o programa “Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina”, contando a história de famílias que sobrevivem dos trabalhos nos lixões em 35min56seg. As perguntas elaboradas pelos repórteres são claras e objetivas. Nessa edição aparecem 130 questionamentos.

Também não há conversa com Caco Barcellos em estúdio. Dessa forma, pode-se perceber que também não há apontamento de falhas. No entanto, o jornalista conversa com um vídeo-repórter externo, sugerindo quais fontes deve entrevistar e os ângulos de abordagem, dividindo as tarefas. Essa troca de ideias dura menos de 01min.

Aqui, também é possível perceber que a aparição de fontes sozinhas em tela é mais recorrente: 07min31seg. Em segundo lugar, aparecem repórteres e entrevistados, juntos, em 06min23seg. Depois, vêm apenas os jornalistas, aparecendo em torno de 02min19seg do tempo.

Jornalistas explicam situações no lugar das fontes, mas, na maioria dos casos, isso acontece em forma de *offs*. Em poucas vezes eles realmente aparecem em tela, como fundo para o que está sendo tratado. Um dos poucos exemplos observados ocorre a poucos minutos do final do programa, quando a repórter Valéria Almeida fala sobre o lixão da Estrutural, considerado, hoje, o maior da América Latina: “Boa parte do material coletado lá pelos catadores, no meio do lixo comum, é trazida para cá, para ser separada antes de ir pras empresas de reciclagem”. Na cena, a jornalista vai mostrando os montes de lixos, já separados, por cores e fardos grandes.

O programa não mostra os repórteres conversando com as fontes antes da entrevista e não fica clara a expressão de opinião por parte das equipes de reportagem, o que demonstra imparcialidade.

Nessa edição do semanal, é possível perceber que as equipes atuam, principalmente, durante o dia. À noite, a intervenção acontece em alguns segundos apenas, ao final, quando se fala do funcionamento do lixão nas 24 horas do dia. São 04seg de passagem à noite. O programa é encerrado pela repórter Valéria Almeida: “A família de Charlene volta para casa, mas o vai e vem do lixão não para, dura 24 horas”. Ao mesmo tempo que a repórter faz sua fala final, a imagem retrata o anoitecer.

Nesse programa, os profissionais não tentam ajudar as fontes. Eles também não atuam com entrevistas remuneradas. Nessa edição, são 22 fontes entrevistadas. A linguagem utilizada pelos profissionais é muito comum, atendendo, de certa forma, às exigências do público envolvido.

O programa não mostra os repórteres realizando pesquisa prévia sobre o tema tratado. No entanto, pode-se constatar que, de fato, há pesquisa, uma vez que são exibidas imagens de três anos atrás, quando o Profissão Repórter tratou do fechamento de um dos maiores lixões da América Latina. Com imagens de arquivo, também traz dados atuais sobre o lixo no Brasil. O conteúdo mostrado indica que os jornalistas atendem à posição de Carvalho (2010), que defende que o primeiro compromisso do repórter é apurar de maneira correta, pesquisando, entendendo e relacionando dados.

Aparentemente, os repórteres não se colocam no lugar das fontes, uma vez que não participam, apenas observam os entrevistados trabalhando nos lixões. Por fim, pode-se constatar que apenas uma fonte pede para não ser gravada. Ela é filmada de longe e sua face permanece escondida, embora a voz apareça normalmente. Logo, acredita-se que isso não possa ser classificado como forma de atuação de câmera escondida, uma vez que a fonte sabia que estava sendo gravada.

4.6 Superlotação no presídio

Em 10 de novembro do ano passado, o Profissão Repórter tratou de um problema que afeta o Rio Grande do Sul: o número de vagas no presídio da Capital. “Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade” retratou a situação em que se encontra a casa prisional em 35min45seg de programa.

Nessa edição, as perguntas também são breves e diretas, totalizando 110 questionamentos. Sequeira (2005) orienta que fatos devem ser apurados de maneira correta e que cabe ao jornalista a função de dar sentido a eles, o que justifica o grande número de perguntas. A exemplo do ocorrido em edições anteriores, analisadas neste trabalho, Caco Barcellos não promove conversa nem troca de ideias com os repórteres.

Fontes são, novamente, quem mais aparece no programa: elas aparecem sozinhas em cena por 06min14seg. Na sequência, em segundo lugar, ficam os entrevistados em conjunto com repórteres, com 5min58seg de aparição. E, nessa edição, os jornalistas aparecem, sozinhos em somente 55seg de programa. Diferente das demais edições já analisadas, nesse programa os repórteres explicam muitas situações no lugar das fontes. Como o profissional está dentro do presídio, esclarece aos telespectadores sobre a forma como os apenados agem (para esconder celulares e drogas, por exemplo), como as galerias estão divididas e como se dá o processo de revista, dentre outros detalhes.

Essa edição mostra repórteres conversando com as pessoas depois da entrevista. Nesses casos, é exibida apenas a imagem, de repórter e fonte dialogando. Exemplos podem ser observados, especialmente, a partir dos 05min. Na área externa do presídio, sob *offs* do repórter Victor Ferreira, são exibidas imagens do profissional conversando com o diretor da casa prisional, Marcelo Gayer.

No programa não fica explícita a expressão de opinião por parte dos repórteres. Nessa edição do Profissão Repórter, acompanha-se as fontes ao dia e, inclusive, na madrugada, quando ficam em cena por aproximadamente 01min31seg, mostrando a fila de famílias para a visita ao presídio em época de Dia das Crianças.

Aqui, pode-se dizer que a equipe de reportagem do Profissão Repórter tenta ajudar as fontes. Isso pode ser percebido na busca de Caco Barcellos por familiares de dois presidiários em Xangri-lá e São Leopoldo. Depois de conversar com os apenados Edinei e Claudir, o diretor e repórter vai até as residências das famílias para dar notícias dos filhos e/ou pais. Nessas visitas, o profissional procura entender por que aquelas pessoas não visitam os familiares presos. Na oportunidade, Caco conversa com a mãe e a esposa de Edinei, Inália do Nascimento e Paula, respectivamente, além da mãe e da irmã de Claudir, Nadir Ribeiro e Jéssica da Rosa.

Nessa edição, são 47 fontes entrevistadas, entre presidiários, policiais e familiares. Nenhuma cena mostra elas sendo pagas para darem entrevista ao Profissão Repórter.

No decorrer de todo o programa, a linguagem utilizada é bastante simples, de possível compreensão para todos os públicos. Em ocasiões nas quais são utilizados termos comuns em presídios, os repórteres se encarregam de explicar logo depois. Um exemplo é a palavra mocó, que se refere ao esconderijo de materiais ilegais pelos apenados. A explicação parte do repórter Victor Ferreira, em forma de passagem, enquanto acompanha a busca pelos materiais.

O programa em questão não mostra uma pesquisa prévia para a elaboração do conteúdo. No entanto, a utilização de imagens de arquivo da Rede Globo indica que foi executada pesquisa para a construção no programa, não sendo possível afirmar se isso ocorreu antes ou depois das idas a campo.

Os repórteres não se colocam no lugar das fontes, uma vez que entram nos presídios apenas para entrevistas e somente acompanham os procedimentos aos quais as visitas são submetidas, sem passarem por eles.

Não são usadas câmeras escondidas. Em todos os locais em que houve a presença de repórteres, havia autorização prévia para o ingresso. Em imagens no interior das celas, foi disponibilizada uma microcâmera a um apenado, que fez a filmagem. Mesmo assim, havia aval dos responsáveis. Em uma única situação,

fontes solicitaram que não fossem identificadas, o que foi respeitado pelos repórteres e cinegrafistas, embora a solicitação não apareça no programa. As faces das fontes foram borradas, embora a voz utilizada tenha sido a natural, sem recursos de distorção. O diálogo com o pai e o filho do preso, que estão em visita, tem início depois que a repórter Danielle Zampollo pede autorização para conversar.

4.7 Um mar de lama

Último programa analisado, “Rompimento de barragem em Minas Gerais completa um mês sem respostas” foi ao ar em 8 de dezembro de 2015. Em 36min21seg de duração, são aplicadas 66 perguntas, sendo que todas elas podem ser consideradas breves e diretas.

Nessa edição, não há conversa com Caco Barcellos. Dessa forma, não é possível identificar se são apontadas supostas falhas dos repórteres. Da mesma maneira, não é percebida expressão opinativa.

As fontes em evidência também são mais recorrentes nessa edição do Profissão Repórter. No total, são 05min34seg de aparição em tela, sozinhas. Em segundo lugar, aparecem fontes e repórteres, em conjunto. Nesse caso, ambos permanecem em cena por 05min15seg. Por fim, aparecem os jornalistas sozinhos, em 01min53seg do tempo. Com frequência, os repórteres explicam situações no lugar das fontes. Um exemplo é a visita que a repórter Danielle Zampollo e a fonte Paula Alves fazem a Bento Rodrigues. A profissional, que, na oportunidade, é vídeo-repórter, fala, quando chegam à casa da entrevistada, destruída pela lama: “Paula vai entrar pela primeira vez em casa depois da destruição de Bento”. A informação, certamente, foi concedida pela fonte anteriormente, mas a repórter faz questão de usá-la.

Não se percebe a conversa de repórteres com as fontes antes das entrevistas. Apenas é possível verificar os profissionais pedindo permissão para conversar ou entrar nas residências, por exemplo.

Nesse caso, não fica evidente a expressão de opinião por parte da equipe de reportagem. Também é possível observar que, nesse programa, os repórteres atuam somente ao dia. Isso pode ser justificado porque, à noite, a destruição pela lama não seria visível. Segundo Amarante (2009), em determinadas ações em campo, o repórter é classificado como chato, pelo grande número de questionamentos. Nesse caso, são 66 perguntas. No entanto, a autora julga a imagem construída (de jornalista chato e questionador) como identidade positiva.

Aqui, os repórteres, de fato, ajudam as fontes. Eles oferecem auxílio para escalar montes de lama e para aquelas que tiveram os pés afundados em locais onde a terra ainda estava úmida, mesmo já tendo passado um mês. Pode-se citar como exemplo uma situação que envolve, novamente, a repórter Danielle Zampollo e a entrevistada Paula Alves, que acaba afundando os pés em lama úmida na visita à sua casa. Com a ajuda da profissional e mais uma personagem, a fonte consegue sair sem se machucar.

No total, 38 fontes são entrevistadas nessa edição do Profissão Repórter. Em nenhuma situação paga-se por entrevista. A linguagem é simples ao longo de todo o programa, sem o emprego de nenhum termo que pudesse ser considerado de difícil compreensão.

Houve pesquisa para a criação do programa, mas é impossível afirmar se a pesquisa foi realizada antes ou após as entrevistas. Percebe-se que a busca pelas informações foi feita, uma vez que vários são os dados divulgados, como quando se comparam os anos de existência da comunidade e da mineradora. Porém, o programa não mostra os jornalistas realizando a pesquisa.

Pode-se perceber que, em alguns casos, eles se emocionam com as situações, apesar de tentarem esconder. Por fim, não há, nesse caso, o uso de câmeras escondidas.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A equipe do Profissão Repórter se propõe a atuar de maneira diferenciada. O conteúdo do programa é gerado a partir de debates dinâmicos com as fontes e, com uma narrativa simples, busca mostrar a vida real dos protagonistas das histórias.

Através do semanal, pode-se perceber que a equipe de reportagem cumpre o papel de contadora de histórias e, em alguns momentos, denuncia situações que merecem atenção dos governantes municipais, estaduais ou nacionais. Com uma linguagem clara a todos os públicos, os repórteres acabam passando, em cena, a imagem de profissionais honestos, dedicados e amigos.

Por programa, normalmente, são contadas três histórias, relacionadas entre si por abordarem o mesmo tema. Posteriormente, no processo de edição, trechos das entrevistas são intercalados com imagens dos fatos narrados, cobertos por *offs* e passagens dos repórteres.

O que diferencia o Profissão Repórter dos demais noticiários é o fato de mostrar a atuação dos repórteres. Exibindo os bastidores da produção das matérias e, conseqüentemente, o trabalho dos jornalistas, o programa pode colaborar para construir, no imaginário dos telespectadores, determinada visão acerca da profissão. Por ser um programa editado, é possível supor que o Profissão Repórter mostra apenas aquilo que considera conveniente em relação ao trabalho. Com isso, o semanal pode acabar reforçando a imagem de “jornalista herói”, que vai a qualquer lugar e faz qualquer coisa, a qualquer hora, em busca de boas histórias e denúncias

de interesse da população. No Profissão Repórter, fica explícita a atuação dos repórteres, diferentemente do jornalista que faz o trabalho cotidiano.

Neste capítulo, analisa-se as dez categorias relacionadas ao trabalho dos repórteres e à forma como sua atuação exibida no programa colabora ou não para a construção da imagem do jornalista diante do público. Linguagem, formas de atuação e tempo de aparição são alguns dos temas abordados a seguir.

5.1 Entrevistas: perguntas claras e objetivas predominam

No decorrer dos sete programas analisados, um total de 643 perguntas são efetuadas. Isso representa uma média de 92 questionamentos por edição. Todas elas possuem características de objetividade e clareza, sem complexidade. Através desses dados, pode-se perceber que os repórteres não se privam de indagar as fontes, indicando que buscam apurar a fundo os assuntos abordados, como, de fato, é o ideal no fazer jornalístico. Assim, entende-se que eles atuam conforme a exigência: quanto mais conteúdo e informação apurarem, melhor.

A edição exibida em 27 de outubro de 2015 (“Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina”) foi a que registrou mais questionamentos, num total de 130. É importante lembrar que esses são apenas aqueles que aparecem na edição pronta. Possivelmente, muitas outras perguntas foram feitas durante a construção do programa, da produção à apuração, e acabaram sendo cortadas no processo de edição.

Tanto o agendamento prévio quanto a chegada de surpresa, por parte dos repórteres, é possível no Profissão Repórter no que diz respeito às entrevistas. Conforme um dos editores de texto do programa jornalístico, Alexandre Grammont (ANEXO E), a maneira de agendar depende da pauta, apesar de se dar preferência para uma aproximação natural, sem produção prévia. “No entanto, viagens internacionais ou de longa distância exigem um contato anterior mais detalhado, para que o investimento financeiro não corra riscos”, disse.

Mônica Pinheiro é chefe de reportagem do Profissão Repórter. Ela também salienta que se procura, ao máximo, não antecipar as conversas através de agendamento. Segundo ela, faz-se o contato prévio somente em casos de extrema necessidade, mas evitando longas conversas ao telefone. “Dizemos que queremos acompanhar aquela pessoa, aquela família por algum tempo para conhecer a situação delas de bem perto”, comenta Mônica (ANEXO C), observando que todas as fontes são eleitas conforme a importância e a relação para com o tema tratado. O programa não costuma fazer uso de análises de especialistas. “Queremos mostrar o cotidiano das pessoas, a realidade da vida das comunidades - sofrimento, hábitos, rotinas, misérias, sucessos, comportamentos. Mostramos o que vemos, acompanhamos essa realidade de perto”, salienta a chefe de reportagem. Assim, o material mais rico do semanal, conforme Mônica, está na rua.

O trabalho a campo é fundamental no jornalismo e esse é o pilar que sustenta o Profissão Repórter. Nesse sentido, Barbeiro (2002) observa que comodidade e consequente trabalho de baixa qualidade podem ser considerados atitudes antiéticas. A partir das histórias contadas pelos repórteres, na rua, o telespectador fica encarregado de fazer sua própria análise, tanto da situação quanto do papel de um profissional de jornalismo. O Profissão Repórter busca apenas cumprir seu papel de relatar os fatos da forma mais fiel possível.

A entrevista é um dos principais objetos de trabalho dos jornalistas, segundo Villela (2008). Para ela, respostas obtidas nesses momentos são resultado da agilidade, atitude e inteligência das perguntas. Dessa forma, pode-se entender que a equipe de reportagem do Profissão Repórter age de forma correta, uma vez que quanto mais claros e objetivos os questionamentos, mais fácil se dará a compreensão por parte da fonte e melhores respostas poderão ser obtidas.

É fato que o diálogo com as fontes é sustento para o programa, que busca retratar histórias de pessoas e comunidades que, muitas vezes, ficam desassistidas ou não ganham espaço nos demais noticiários em razão da disponibilidade de tempo. O Profissão Repórter conta histórias diferentes, de maneiras diferentes, mas a forma como são conduzidas as entrevistas se assemelha aos demais telejornais:

perguntas breves e objetivas predominam, indicando que não há intenção de o repórter aparecer mais do que o necessário.

5.2 Erros na apuração: bastidores mostram apenas os acertos da equipe

Mesmo apresentando bastidores do jornalismo, o Profissão Repórter não mostra, em momento algum dos programas analisados, falhas e erros dos repórteres. Mesmo considerando que os recém formados jornalistas atuam conforme o orientado pelos responsáveis pelo programa, pode-se afirmar que cometem erros. Esses, porém, são descartados na edição do semanal e omitidos do público.

Duas situações, nos sete programas analisados neste trabalho, chamam a atenção. A primeira acontece na edição exibida em 9 de junho de 2015 (“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente”), quando Caco Barcellos, diretor do programa, e a repórter Danielle Zampollo conversam sobre a produção do conteúdo. Não há apontamento de falhas na apuração, mas o trecho deixa claro que a repórter recebe orientações diretas do jornalista. Essas intervenções, inseridas na edição do semanal, foram gravadas em estúdio, provavelmente no momento em que se fazia a visualização final do material, o que não deixa de ser uma forma de detalhar como o programa trabalha nos bastidores. As sete inserções da conversa dos dois profissionais, aleatórias e não sequenciais, totalizam apenas 01min37seg. Considerando que o programa se propõe, inclusive em seu slogan, a mostrar os bastidores da notícia, pouco mais de um minuto e meio não é tempo suficiente, já que essa edição tem, no total, 35min37seg.

Outra situação que chama a atenção pelo debate foi ao ar em 27 de outubro de 2015: “Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina”. Na ocasião, Caco Barcellos conversa com um vídeo-repórter externo, sugerindo quais fontes ele pode entrevistar e, da mesma forma, opinando sobre ângulos de abordagem, dividindo assim as tarefas. O debate dura menos de 1min e não ocorre em estúdio, como é o caso do programa citado anteriormente.

Em todos os programas analisados neste trabalho, apenas nesses dois momentos são exibidas discussões quanto à apuração das matérias. Apesar das orientações do jornalista Caco Barcellos, falhas de apuração são comuns no jornalismo, especialmente entre repórteres novatos. Essas, no entanto, não aparecem no programa, que se propõe a mostrar “os bastidores da notícia”. Entende-se que, omitindo possíveis erros, pretende-se passar ao telespectador a imagem de que a equipe, apesar de novata, é qualificada e domina o trabalho, além de colaborar para a construção da imagem do jornalista como alguém que nunca erra.

Os jornalistas do Profissão Repórter participam de todos os processos: discussão dos temas dos programas, apuração das pautas, coleta de dados, produção das viagens e reportagens. Por trás de uma reportagem investigativa, como ocorre no Profissão Repórter, há uma grande equipe, conforme afirmado por Villela (2008). Nesse sentido, um dos cinegrafistas do programa global, Luiz Felipe Saleh (ANEXO D), observa que a equipe do semanal é bastante integrada. “Todos participam de todo processo - produção, captação e edição -, se houver interesse”, comenta.

Márcia Gonçalves (ANEXO B) também é editora de texto e detalha o processo de atuação: “O repórter grava, traz o material, conversa com o editor. Juntos, definem o caminho da matéria”. Ela acrescenta que isso não quer dizer que a matéria seja aquilo que o jornalista quer, mas a forma de desenvolver o conteúdo acaba se impondo, uma vez que é a “própria essência da história contada”, completa a editora. As entrevistas gravadas não podem sofrer alterações, apesar de passarem pelo processo de edição.

Já no fechamento do programa, os editores, que ao total são quatro, ficam responsáveis por “amarrar as reportagens de todos os repórteres”, aponta Márcia Gonçalves. Isso significa “misturar” todas as matérias - são três por edição, relacionadas ao mesmo assunto - intercalando trechos de todas de forma coerente. O próximo passo cabe à editora-chefe, Janaina Pirola (ANEXO F), e ao diretor, Caco Barcellos. Eles discutem cortes (se necessário) para se adequar ao tempo e fazem observações, sugerindo que sejam incluídos detalhes que acabaram ficando de fora.

Entende-se que é nesse momento que as falhas podem aparecer de forma mais recorrente. Como essa discussão não vai ao ar, os erros identificados na edição não são mostrados ao público, que assiste a matérias aparentemente apuradas e editadas com perfeição.

5.3 Fontes e repórteres em cena

As sete edições analisadas somaram um total de 4h08min51seg de duração. Nelas, apenas fontes e essas ao lado dos repórteres, juntos em cena, ocupam a maior parte dos programas. As fontes, sozinhas, permanecem na tela por 41min16seg, o equivalente a 16,56%. Enquanto isso, ambos, durante a entrevista ou no acompanhamento da rotina, ficam em cena por 41min15seg, o que corresponde a 16,55%. Depois aparecem apenas os jornalistas, com somente 17min30seg (6,96%) de aparição, no total dos programas analisados. O restante do tempo é ocupado com imagens cobertas com *offs*, sendo esses geralmente gravados pelo jornalista. No entanto, é importante destacar que nem todos os programas seguem a mesma linha e, em alguns casos, é, sim, possível que o jornalista acabe aparecendo mais que o entrevistado.

Dentre os sete programas analisados neste trabalho, em apenas um deles, exibido em 9 de junho de 2015 (“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente”), o jornalista aparece mais que a fonte. São 5min38seg contra 3min49seg. Como o Profissão Repórter se propõe a mostrar a realidade dos entrevistados, entende-se que não há necessidade de os jornalistas aparecerem por tanto tempo, uma vez que o foco do programa são os personagens, as fontes. Sobretudo, como o tempo de aparição dos repórteres e das fontes varia de uma edição para outra, é comum, em alguns casos, os jornalistas aparecerem mais, uma vez que o programa tem, ainda, o objetivo de construir a notícia através dos bastidores.

Nos demais programas, os entrevistados sempre aparecem mais que os repórteres, que conseguem retratar seu trabalho, muitas vezes, por trás da câmera, como vídeo-repórteres. Um caso significativo pode ser percebido na edição exibida

em 1º de setembro de 2015: “Valas comuns numeradas são usadas para pessoas desconhecidas”. Foram 9min12seg de aparição das fontes contra 2min55seg dos jornalistas. Além disso, foram apenas 2min21seg em que ambos permaneceram juntos em cena.

Com essa observação, pode-se entender que a fonte é, de fato, a protagonista das histórias contadas pelo Profissão Repórter. Também é possível compreender que o jornalista ganha destaque apenas quando necessário para melhor relatar e explicar o assunto abordado, bem como quando a equipe entende que há necessidade de mostrar a forma como os profissionais atuam.

Essa percepção vai ao encontro do que foi relatado pelo cinegrafista Luiz Felipe Saleh: “Não existe essa orientação, do repórter aparecer mais por aparecer. Tudo depende do assunto e da abordagem”. Ele também observa que o programa busca mostrar os assuntos da maneira mais isenta possível e, quando necessário, revela situações dos bastidores. “O que aproxima o telespectador da ação”, completa.

“O repórter não deve se sobressair ao que ele está relatando e mostrando, em alguns casos ele vira o narrador principal, em outros são os próprios entrevistados”, detalha a editora Márcia Gonçalves. Com base nessa contextualização e conforme orientado por Lucinda (2008), os repórteres atuam de maneira correta. A autora é clara: “ser repórter é, além de redigir uma notícia, representar alguém – no caso, a sociedade que o assiste” (2008, p. 36). E é disso, justamente, que o Profissão Repórter trata: através de histórias diferentes, busca chegar às comunidades e assuntos que, muitas vezes, não ganham espaço na mídia televisiva, uma vez que os noticiários tradicionais estão praticamente restritos aos temas factuais.

Conforme citado pela editora Márcia, os repórteres viram, em alguns casos, narradores dos fatos. Isso ocorre quando eles explicam em *offs* cobertos com imagens. É bastante comum, também, os profissionais falarem sobre a vida e o cotidiano das fontes nesses momentos, muitas vezes inseridos em ambientes que fazem parte da rotina das mesmas.

Há situações em que os profissionais de jornalismo também atuam como vídeo-repórteres. Nesses casos, eles se tornam ainda mais narradores das histórias e, naturalmente, explicam os fatos no lugar das fontes.

Um caso bastante significativo pode ser observado no programa “Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade”, exibido em 10 de novembro de 2015. Nesse, são vários os casos em que os repórteres explicam situações no lugar das fontes, uma vez que estão dentro do presídio e precisam transmitir aos que estão do lado de fora tudo o que é encontrado na casa prisional e como se dá seu funcionamento.

É de compromisso do jornalista divulgar a verdade. Barbeiro (2002, p. 34) é enfático: “o jornalista não divulga notícias para agradar ou desagradar suas fontes”. As pautas do Profissão Repórter são escolhidas conforme a disponibilidade de conteúdo correlato. E, como revela Márcia Gonçalves, “nossa preocupação não é mostrar o certo, o errado, quem tem razão ou não, mas mostrar uma história de diferentes ângulos quando o assunto for polêmico”. A editora complementa: “O que as pessoas contam, o que as imagens mostram ali, são mais importantes do que qualquer texto ou interpretação”.

Por ter entre seus objetivos mostrar os bastidores da produção, poderia-se deduzir que o Profissão Repórter dedica grande parte do tempo à atuação dos jornalistas. Contudo, não é o que se observa nas edições analisadas. Os jornalistas pouco aparecem em cena e, quando o fazem, é de forma natural, dando ao telespectador a impressão de que sua presença no vídeo era essencial para a narrativa. Dessa forma, entende-se que não há intenção de usar o tempo do programa para promover determinada imagem do jornalista, uma vez que ele aparece apenas quando é, aparentemente, necessário para contar a história da melhor forma possível.

5.4 Pesquisas e conversas prévias

Analisando sete programas, percebe-se que qualquer tipo de conversa pode virar conteúdo para o Profissão Repórter. Apesar de nenhuma edição mostrar conversas com as fontes antes das entrevistas, como é comum no telejornalismo, tanto para que a fonte fique à vontade quanto para obter respostas mais objetivas, em alguns casos entende-se que há agendamento da gravação. Como já relatado pelo editor Alexandre Grammont, isso costuma acontecer, especialmente, nos casos que envolvem deslocamento internacional. Em matérias gravadas no Brasil, a equipe dá preferência por chegar de “surpresa”, dando mais realismo às matérias.

Casos interessantes podem ser observados em duas edições específicas: “Treze milhões de brasileiros não sabem ler e escrever”, exibido em 21 de julho de 2015; e “Valas comuns numeradas são usadas para pessoas desconhecidas”, que foi ao ar em 1º de setembro de 2015. Neles, repórteres pedem permissão, às fontes para acompanhá-las em diferentes situações: na busca por emprego e por desaparecidos, respectivamente. A solicitação já pode ser considerada uma forma de aproximação com as fontes, buscando a confiança das mesmas.

Em “Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade”, exibido em 10 de novembro de 2015, a situação é diferente. É possível visualizar, em alguns momentos, repórteres conversando com as fontes depois das entrevistas, em imagens cobertas com *off*. Mesmo as imagens aparecendo em somente um dos sete programas analisados, a ação dá ao telespectador o entendimento de que o trabalho vai além do que ele vê nas matérias. Assim, pode tanto passar a ideia de que a reportagem final é uma versão editada ao invés do retrato fiel da realidade (o que demonstra honestidade para com os telespectadores), quanto indicar que o repórter tem preocupação com as fontes, ao dedicar a elas mais tempo que o necessário para a apuração da matéria.

As estratégias adotadas pelos repórteres para se aproximar das fontes são necessárias para que os entrevistados se sintam à vontade em frente à câmera. Cada jornalista tem um jeito diferente de ser. Aos jovens profissionais que ingressam no Profissão Repórter, como destacado acima, procura-se não repassar vícios de

atuação ou formas de agir. A única orientação é tratar as fontes com máximo respeito.

Além de tudo, o programa global orienta que, acima de qualquer coisa, a equipe deve ser honesta, jamais esconder o que está ali. “A confiança se adquire pela firmeza da atitude, que é por sua vez uma consequência da sinceridade do propósito”, afirma Mônica. Em hipótese alguma, segundo o editor Alexandre Grammont, deve-se enganar as fontes para conseguir alguma boa história, posicionamento que justificaria o uso de mais tempo para mostrar a forma como as fontes são abordadas pelos repórteres.

Para dar ainda mais credibilidade ao Profissão Repórter, a equipe opta por integrar, às reportagens, eventualmente, imagens e dados de arquivo. Um exemplo pode ser o programa exibido em setembro do ano passado, que trata sobre o sepultamento de pessoas desconhecidas. Nele, ganha vez um caso que vinha sendo acompanhado há três anos, pelo repórter Victor Ferreira. Imagens concedidas por Mercês Castro, que está procurando o irmão, Raul, que desapareceu na Guerrilha do Araguaia na década de 70, mostram que a pesquisa foi feita. As gravações atuais são incrementadas com imagens antigas, que acabam lembrando o fato. Márcia Gonçalves é uma das editoras do Profissão Repórter e divulga que cabe à equipe de edição apurar informações complementares sobre os assuntos tratados. Aqui, então, se encaixam “dados, pesquisas, fontes, caso haja necessidade de números, comparações, etc”. Também cabe aos profissionais da edição assistir ao material gravado, fazer a decupagem e discutir, junto do repórter, um roteiro para tal edição.

5.5 A opinião deixa os bastidores

Em sete programas analisados neste trabalho, duas vezes pode ser percebida alguma expressão opinativa por parte dos jornalistas: no programa exibido em 9 de junho de 2015 (“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente”) e em 11 de agosto do mesmo ano (“Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar”).

No primeiro caso, na conversa de Caco Barcellos com a repórter Danielle Zampollo, apresenta-se um certo posicionamento em relação à implantação ilegal de silicone. Depois de a repórter conversar com mulheres e travestis que já colocaram silicone industrial clandestino e acompanhar, inclusive, a colocação do produto em uma paciente, os profissionais dialogam acerca dos riscos causados pela ação. No entanto, não há nenhuma expressão que indique, claramente, opinião.

Já no segundo caso, quando a repórter Mariana Fontes chama uma estudante de 'guerreira', pode-se considerar como um elogio e uma opinião da profissional, que acompanha Rayane Santana, de 9 anos, na ida e retorno ao colégio. Na chegada da volta para casa, já à noite, Mariana fala ao pai, que aguardava sua filha no portão: "É uma guerreira sua filha, viu? É cansativo esse percurso que ela faz". Através disso, a repórter mostra as dificuldades enfrentadas pelas crianças moradoras das áreas rurais para estudar. Nesse contexto, o elogio ajuda a construir a imagem de uma jornalista que defende a educação e reconhece o esforço das fontes. Ao mesmo tempo, busca alertar para a situação precária nas quais as crianças precisam se deslocar ao colégio.

Imparcialidade é dever do profissional de jornalismo e parte fundamental da ética. Cabe a ele, também, possibilitar que todos deem suas versões diante dos fatos. No Profissão Repórter, a equipe mostra a notícia de vários ângulos, mas normalmente não declara sua posição, como deve ser, de fato, no jornalismo. Nos dois exemplos trazidos, os jornalistas fazem o contrário do indicado por Villela (2008), que orienta que os jornalistas não se posicionem a favor de ninguém.

Vale reforçar o que foi dito pela editora Márcia Gonçalves: "Nossa preocupação não é mostrar o certo, o errado, quem tem razão ou não, mas mostrar uma história de diferentes ângulos quando o assunto for polêmico". Não é o que se observa, porém, na edição aqui citada. Há claro posicionamento da repórter Mariana Fontes quando ela elogia a garra e a determinação da pequena Rayane Santana, dia a dia, para ir à escola, enfrentando horas de percurso.

5.6 Interferindo na história: quando o jornalista ajuda a fonte

Respeitando as fontes e sendo honestos com elas, os repórteres conseguem conquistar sua confiança. E, através disso, se aproximam das mesmas, a ponto de ajudá-las em algumas situações. De sete programas analisados, em quatro edições o apoio dos profissionais é visível.

A forma mais nítida de ajudar as fontes é vista no programa exibido em 8 de dezembro de 2015: “Rompimento de barragem em Minas Gerais completa um mês sem respostas”. Neste caso, os repórteres oferecem ajuda aos entrevistados para escalarem montes de lama e tirar pés afundados no barro, que ainda se encontrava molhado um mês depois do ocorrido. Apesar de uma situação simples e até corriqueira, essa postura dos repórteres pode colaborar para construir, junto ao telespectador, a imagem do jornalista como profissional que ajuda a população, ao invés de simplesmente relatar os fatos. A partir disso, volta-se a falar em “jornalista herói”.

Além de ajudar as fontes em algumas ocasiões, os repórteres também se colocam no lugar delas em determinadas situações. Um exemplo claro pode ser observado no programa exibido em 11 de agosto de 2015: “Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar”. Nele, repórteres acompanham os trajetos enfrentados pelos jovens na ida e no retorno da escola, tanto de ônibus quanto a pé ou pau de arara (nome dado a um caminhão adaptado para o transporte de passageiros na caçamba), considerado um meio de transporte irregular.

Angústias e desafios de jovens que, muitas vezes, passam mais tempo se deslocando até o colégio do que permanecem dentro dele são acompanhadas pela equipe do Profissão Repórter. Através disso, consegue-se emitir, de certa forma, um alerta sobre a situação em que se encontra o transporte escolar nas áreas rurais. No entanto, o fato de os jornalistas acompanharem esses anseios também pode colaborar para a construção da imagem do “jornalista herói”, disposto a enfrentar e viver a realidade das fontes para compreendê-las, contar a história da melhor forma e incentivar a busca de soluções para os problemas mostrados.

Esses acompanhamentos acontecem a qualquer momento do dia ou da noite. Das 4h08min51seg de programas analisados, 23min21seg são aparições noturnas ou na madrugada, reforçando a imagem de que o jornalista não tem hora para trabalhar e está sempre disposto a fazer sacrifícios para mostrar a realidade, como passar a madrugada ao lado de uma fonte.

Na edição exibida em 9 de junho de 2015 (“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente”), há mais gravações noturnas. Isso é justificado porque as viagens para fora do Brasil, buscando pela realização de cirurgias plásticas, ocorrem à noite, e todo o trajeto é acompanhado pela reportagem. Dos sete programas analisados, apenas dois não tiveram nenhuma aparição noturna.

As três situações (ajudar as fontes, colocar-se no lugar delas e acompanhá-las a qualquer momento) podem colaborar para que os telespectadores vejam o jornalista como um profissional dedicado, que busca não somente contar histórias ou relatar denúncias, mas solucionar, de fato, os problemas da população. Vivenciando as dificuldades ao lado das fontes e, principalmente, ajudando-as na solução dos seus problemas, da maneira mais simples que seja, os repórteres colaboram para a construção da imagem do “jornalista herói”.

Lucinda (2008) é uma das autoras que defende o jornalista como herói da informação, justificando que o profissional lida com qualquer desafio na busca do bem coletivo, inclusive passando por dificuldades.

Por mais que sejam recorrentes situações em que os jornalistas ajudam as fontes e que entrevistados de baixo poder aquisitivo apareçam com certa frequência no programa, os jornalistas não dão dinheiro, seja para auxiliar os entrevistados ou como forma de obter entrevistas. Em nenhum dos programas analisados foi mostrada remuneração para fontes, abordando-se o tema em apenas uma das edições presentes neste trabalho.

A situação que chama a atenção foi verificada no programa exibido em 9 de junho de 2015: “Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas

feitas anualmente”. Nele, num contato telefônico feito pela repórter Danielle Zampollo, a fonte pede remuneração para conceder entrevista. A solicitação é repassada pela profissional ao diretor do Profissão Repórter, Caco Barcellos. Eles dialogam brevemente sobre o assunto e divulgam que jamais deve-se pagar por entrevista. No programa, em especial, Danielle reforça que é importante frisar que esta (colocação de silicone industrial clandestino) é uma prática ilegal, justificando ainda mais o não pagamento pela entrevista. Essa atitude indica uma postura ética por parte dos profissionais e mostrá-la pode ser considerado uma forma de reforçar a credibilidade do programa e, conseqüentemente, dos jornalistas junto ao público.

5.7 Fontes entrevistadas

Somando-se os sete programas analisados, foram entrevistadas 255 fontes. Isso representa uma média de 36 entrevistados por edição. O grande número de fontes ouvidas se faz necessário, pois o Profissão Repórter tem como objetivo noticiar sob diversos ângulos, uma vez que o programa se propõe a mostrar a reportagem e o processo como a mesma é executada.

O programa com mais fontes ouvidas foi exibido em 11 de agosto de 2015 (“Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar”). Na oportunidade, foram ouvidos diversos públicos, como crianças, jovens, pais, comunidade, educandários e órgãos públicos, totalizando 54 entrevistas.

Dentre os programas analisados, “Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina”, exibido em 27 de outubro do ano passado, foi o que teve o menor número de fontes entrevistadas: 22. A diferença na quantidade de fontes pode estar atrelada a diversos fatores, como tema, disponibilidade para falar, tamanho das localidades, entre outros. Mesmo assim, pode-se considerar que, como padrão, o programa conta com um grande número de entrevistados em cada edição.

Ouvir muitas pessoas reforça a imagem de que, segundo a editora Márcia Gonçalves, o programa se propõe a mostrar todos os ângulos da notícia. Mostrando os fatos através de diferentes pontos de vista e abordagens, o programa – e,

consequentemente, os jornalistas envolvidos – dá ao público a sensação de imparcialidade, que seria o ideal em todas as práticas jornalísticas. Mostrando múltiplas vozes sobre cada tema, o Profissão Repórter reforça a imagem do jornalista como profissional livre de preconceitos e opiniões, cujo objetivo único é mostrar diversos pontos de vista – ou mesmo a verdade absoluta - desconsiderando sua própria opinião sobre o assunto.

A credibilidade de uma informação está associada a uma série de fatores. Entre eles está a iniciativa de confrontar informações com diversas fontes. Para Martino e Silva (2013), isso pode ser resumido como ouvir o(s) outro(s) lado(s) sempre e ainda averiguar versões alternativas de acontecimentos. Dessa forma, é possível dar ao telespectador a ilusão de que o jornalismo é um trabalho objetivo e imparcial, reforçando a imagem, ainda que questionável, do jornalista como profissional que simplesmente relata a verdade, sem nenhum tipo de distorção.

5.8 Linguagem simples com fontes e público

Apenas duas situações, em sete programas analisados, chamam a atenção no que se refere à linguagem utilizada no Profissão Repórter. Nos demais casos, a linguagem é tão simples que a impressão que se tem é de um jornalista amigo, semelhante e com o mesmo vocabulário que os entrevistados, independente de grau de instrução ou classe social, por exemplo. Percebe-se que os diálogos são conduzidos como se fossem conversas amigáveis, entre conhecidos.

Um problema no que diz respeito à compreensão foi verificado no programa exibido em 9 de junho de 2015: “Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente”. Nas conversas com estrangeiros, em espanhol, o programa opta pela utilização de legendas e traduções (por parte do repórter, inclusive) para facilitar o entendimento por parte dos telespectadores. Considerando que o Brasil ainda apresenta um número considerável de analfabetos e analfabetos funcionais (8,3% da população, conforme dados do IBGE de 2014, o que corresponde a cerca de 17 milhões de brasileiros), uma parcela do público pode

ter encontrado dificuldades para compreender a matéria, principalmente nos trechos legendados.

Já na edição de 10 de novembro de 2015, “Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade”, há emprego de termos e gírias comuns em presídios, como a palavra *mocó*. A expressão significa esconderijo de materiais ilegais para presídios, como celulares e drogas. Para facilitar a compreensão, o jornalista Victor Ferreira, logo após divulgar o termo, explica o significado da palavra.

Para Hohlfeldt (2001), a linguagem, bem empregada, é forte aliada para a qualidade de uma produção. Quando o jornalista se aproxima da fonte usando uma linguagem adequada, além de adquirir a confiança do entrevistado, o profissional transmite aos telespectadores a sensação de que está familiarizado com a realidade mostrada. Dessa forma, a adequação da linguagem pode colaborar para que os jornalistas sejam vistos como pessoas comuns, se colocando sempre ao lado dos entrevistados, como se fossem próximos há algum tempo.

5.9 Sem câmeras escondidas

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) sugere a utilização de câmeras escondidas apenas em casos de interesse público e quando não há outras formas de apuração. Nesse contexto, pode-se dizer que o Profissão Repórter atua de acordo com o que é orientado.

Dos sete programas analisados, em apenas um há uso de recurso semelhante à câmera escondida. Exibido em 9 de junho de 2015, a edição “Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente” apresenta a utilização de um áudio para mostrar que uma loja vende silicone para travestis, o que havia sido negado anteriormente pelo vendedor à repórter e vídeo-repórter frente à câmera. Apesar de os travestis aplicarem o líquido ilegalmente, a comercialização do produto é permitida. Na cena, uma terceira pessoa - motorista da equipe - ingressa no estabelecimento com um gravador escondido. Ele capta o áudio do vendedor confirmando que, na maioria dos casos, o produto é vendido para

travestis. Na edição final do Profissão Repórter, mostra-se o áudio com imagens externas da loja, não aparecendo, em momento algum, os dois personagens da conversa.

A postura quanto ao uso de câmeras escondidas é confirmada pela editora-chefe Janaina Pirola, quando diz que o recurso é raramente utilizado. Em alguns casos, a equipe opta por abandonar a pauta. “Se a gente não consegue fazer de câmera declarada, a gente prefere não fazer câmera escondida, aí não faz a reportagem, abandona a pauta”, declara, observando que esse é apenas um critério adotado pelo Profissão Repórter, não havendo relação com a Rede Globo.

No que diz respeito à preservação das fontes, a chefe de reportagem Mônica Pinheiro observa que as identidades são mantidas em sigilo quando a exposição pode prejudicar uma pessoa. Mas, no geral, o programa dá preferência para contar histórias de pessoas que aceitem aparecer. “A realidade, às vezes, é dura, às vezes emociona, às vezes diverte, às vezes surpreende. E o rosto das pessoas estampa todos esses sentimentos”. Por isso, os jornalistas do Profissão Repórter preferem conquistar a confiança da fonte e conseguir com que ela fale para o jornalista, para a câmera e para o telespectador.

Luiz Felipe Saleh, cinegrafista do programa, revela que o fato de fontes solicitarem a preservação de identidades é muito comum na sua rotina. Cada ocasião exige um diferente tipo de atuação e, acima de qualquer coisa, volta-se à importância de sempre respeitar o entrevistado. “Quando personagens não querem se identificar, mas o que eles têm a falar é muito importante, negociamos com os mesmos”, ressalta. Aqui ele se refere, por exemplo, a filmar apenas detalhes, como as mãos ou um “superclose” em alguma parte da face.

Há situações, conforme Janaína Pirola, em que a equipe aceita esconder a identidade da fonte: “É muito difícil conseguir, por exemplo, uma sonora de rosto aberto de uma mulher que fez aborto, porque aborto é crime no país”. No entanto, pessoas fazendo acusações sem identificação não são aceitas no Profissão Repórter. Nessas questões, avalia-se se, de fato, vale a pena apostar na fonte. Na maioria dos casos, medidas são utilizadas para convencer o entrevistado a falar de

rosto aberto. “Mas a nossa batalha é que as pessoas apareçam, que queiram estar na reportagem”, pontua a editora-chefe.

Diante disso, entende-se que a forma como os repórteres agem, respeitosos e honestos, torna possível muitos acessos, como vimos nos sete programas analisados neste trabalho. No entanto, a utilização do recurso de câmera escondida daria ainda mais voz ao termo “jornalista herói”, uma vez que demonstraria que o repórter enfrenta diversas dificuldades e riscos para levar a informação ao telespectador, apresentando verdades através das imagens e, especialmente, áudios. Por outro lado, estaria indo contra o que rege o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que forma o Profissão Repórter constrói a imagem do jornalista? Foi deste problema que se partiu para a análise do único programa de televisão que mostra os bastidores da notícia e os desafios da reportagem claramente em cena. Concluiu-se, a partir disso, que o programa global atua como o considerado ideal no jornalismo: ouve variadas fontes, é imparcial aos olhos da sociedade e representa uma comunidade, buscando histórias e denúncias.

Nesse sentido, o jornalista se posiciona como defensor da população, ajudando entrevistados, mostrando-se à disposição para acompanhá-las a qualquer hora do dia e tratando-as com respeito e consideração, apesar de não se sobressair às fontes, que são as protagonistas da história. Lucinda (2008) é uma autora que defende, inclusive, o termo “jornalista herói”. Isso é justificado pelo fato de ele representar uma sociedade e trabalhar em prol dela. A partir das análises feitas nesse trabalho, é possível verificar que os profissionais, de fato, desempenham esse papel.

Há dez anos em cena, sempre com uma jovem equipe de reportagem, o Profissão Repórter busca mostrar os percalços enfrentados pelos jornalistas no dia a dia. Na relação com as fontes, há apenas uma regra a ser seguida: elas precisam ser tratadas com respeito e honestidade. Nas cenas, a relação entre jornalista e fontes aparenta ser amigável. Isso é justificado para que os profissionais conquistem sua confiança, mas também reforça a imagem de um profissional que se coloca ao lado do entrevistado, em posição de igualdade.

Por mais que a editora-chefe do programa, Janaina Pirola, não o considere um programa de gênero investigativo, o Profissão Repórter traz características que se assemelham à categoria: pesquisa aprofundada dos fatos (contendo dados, na maioria dos casos) e entrevista com muitas fontes. O tempo de trabalho do repórter a campo também pode ser relacionado aqui, uma vez que, em alguns casos, a produção exige mais de um mês ou anos de dedicação.

A partir das análises, é evidente que o repórter segue a orientação de jamais se sobressair em relação às fontes, uma vez que, a partir dos dados observados, é visível que as fontes aparecem muito mais. São elas que dão vida ao programa. Também é perceptível que os repórteres tratam os temas sob variados ângulos, característica típica do jornalismo investigativo.

Depois da análise geral, pode-se considerar que, de fato, o Profissão Repórter tem a característica de mostrar os bastidores da notícia e os desafios da reportagem, apesar de dar mais visibilidade às fontes. Com isso, os jornalistas ocupam, sim, a figura de “jornalista herói”, preocupado em levar informação de maneira clara e com qualidade ao seu público, ao mesmo tempo em que busca se colocar, eventualmente, como o profissional capaz de solucionar os problemas enfrentados pela sociedade. Além disso, ele se coloca no lugar das fontes, acompanhando sua rotina, o que acaba diferenciando o programa dos demais e, de certa forma, sendo referência para jovens jornalistas.

Uma limitação encontrada, no decorrer deste trabalho, foi a pesquisa bibliográfica com relação à imagem do jornalista, tendo em vista que há pouco conteúdo disponível, o que reforça a importância desta monografia. Ficam abertos outros ângulos para se estudar o Profissão Repórter, que vão além da análise da construção da imagem do jornalista. Nesse sentido, o trabalho ainda pode ser ampliado, tomando como exemplo a midiatização.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Renata Marinha Cantanhede. **Heróis de Papel: a imagem do jornalista em notícias de guerra e esporte através da perspectiva sistêmico-funcional e da análise de corpus**. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

AMORIM, Lidiane Ramirez de. **(Tele) Jornalismo participativo: novos olhares sobre as notícias de TV**. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de telejornalismo**. Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima – organizadores. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002 – 3ª reimpressão.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Rio de Janeiro: Manual X, 2007.

BASTIAN, Mariana; e KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **A quem fala o Profissão Repórter?** Modos de endereçamento do programa que mostra os “bastidores da notícia”. Unisinos, 2007.

BERBICK, Caroline. **Profissão Repórter e a Construção da Infância: A idealização, a marginalização e o senso comum**. 2012, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BISTANE, Luciana; e BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2. ed - São Paulo: Contexto, 2006.

BURGH, Hugo de. **Jornalismo Investigativo: Contexto e Prática**. São Paulo: Roca, 2008.

CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em <<http://www.fenaj.org.br>>. Acesso em: 17 de agosto de 2015.

DE PAULA, Marlúbia Correa. **Análise textual discursiva**. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Resignificando os Labirintos da Pesquisa Qualitativa: exercícios práticos de análise de discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista** / Alberto Dines; atualização e pesquisa Luiz Antonio Magalhães. – 9. Ed. – São Paulo: Summus, 2009.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

DUARTE, Marcia YukikoMatsuuchi. **Estudo de caso**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Editora Artmed S.A., 2008.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2007 (Coleção Comunicação).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUPO GLOBO. **TV Globo**. Disponível em <<http://grupoglobo.globo.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

HOHLFELDT, Antônio. Hipóteses **contemporâneas de pesquisa em comunicação**. In HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 9 de junho de 2016.

KNEIPP, Valquíria Passos. **A identificação do Jornalismo Investigativo na televisão brasileira**. 2008, 15 f. Artigo acadêmico – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LAGE, Leandro Rodrigues. **O testemunho na TV: Profissão Repórter e a encenação da encenação**. Pará: XXIII Encontro Anual da Compós, 2014. Disponível em <<http://compos.org.br/encontro2014/gts>>. Acesso em: 03 de abril de 2015.

LOPES, Dirceu Fernandes e PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

LUCINDA, Tatiana Vieira. **O jornalista como “herói da informação”**: uma análise do Profissão Repórter. 2008, 130 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharel de Comunicação Social – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

MARTINO, Luis Mauro Sá e SILVA, Lídia Rogatto e. **Paradoxos e fronteiras éticas do jornalismo investigativo na doutrina jornalística brasileira**. São Paulo e Campinas: Revista Comunicação Midiática, 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; e COUTINHO, Iluska (orgs). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

MORAES, Heloisa JuncklausPreis; e ALVES, Emanuelle Querino. **O jornalista Lobo Mau em Deu a Louca na Chapeuzinho**: um olhar sob a perspectiva do imaginário. Porto Alegre: Famecos/PUCRS, 2010.

MORAES, Roque. **Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. In: GAVIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente. Metodologias emergentes de pesquisa em comunicação ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí: 2007. p. 85-114.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio – organizadores. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999 – 17ª impressão.

PRECHT, Anna Liza de Freitas e. **Para Conhecer o Mundo Além das Notícias**: um breve estudo sobre o jornalismo investigativo no Brasil. 2013, 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PROFISSÃO REPÓRTER. **TV Globo**. Disponível em <<http://especiais.g1.globo.com/profissao-reporter/10anos>>. Acesso em: junho de 2016.

SANTOS, Gianne Regina Conceição dos; e PINTO JR, Antonio Carlos Pimentel. **Super-herói da Notícia**: o papel do jornalista como sujeito social. Pará: Universidade da Amazônia – UNAMA, Ananindeua, 2014. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0114-1.pdf>>. Acesso em: 08 de março de 2016.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV** – telejornalismo aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

VIZEU, Alfredo; e SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O telejornalismo**: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; e COUTINHO, Iluska (orgs). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

ZANOTTI, Carlos Alberto. **Jornalismo colaborativo, gêneros jornalísticos e critérios de noticiabilidade**. Campinas: Revista Comunicação Midiática, 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 03 de abril de 2015.

ANEXOS

ANEXO A – *Links* dos Programas Analisados

“Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas feitas anualmente” (exibido em 9 de junho de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/06/09.html>

“Treze milhões de brasileiros não sabem ler e escrever” (21 de julho de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/07/21.html>

“Crianças enfrentam pau de arara e longas caminhadas para estudar” (11 de agosto de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/08/11.html>

“Valas comuns numeradas são usadas para pessoas desconhecidas” (1º de setembro de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/09/01.html>

“Três mil catadores disputam espaço no maior lixão da América Latina” (27 de outubro de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/10/27.html>

“Presídio Central de Porto Alegre tem 2.400 detentos acima da capacidade” (10 de novembro de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/11/10.html>

“Rompimento de barragem em Minas Gerais completa um mês sem respostas” (08 de dezembro de 2015)

LINK: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2015/12/08.html>

ANEXO B – Márcia Gonçalves (Editora)
Atua há oito anos como editora do Profissão Repórter

- **Aposta-se, na maioria das vezes, em assuntos factuais ou pautas frias?**

Quando há algum factual relevante e que tenha uma dimensão nacional ou internacional, o Profissão Repórter tenta cobrir o assunto, sempre de forma diferente do jornalismo diário. Com a divisão das equipes em matérias de ângulos diferentes da questão. Não apenas relatando o caso, apontando causas e soluções, mas fazendo uma imersão na vida de determinadas pessoas, tentando mostrar como o acontecimento foi vivido. Nossa preocupação não é fechar questão em torno do assunto, mas explorá-lo de maneira mais profunda e do ponto de vista pessoal daqueles que viveram a experiência.

- **Todas as matérias produzidas são veiculadas? Se não, qual o critério que define que a matéria fique de fora?**

Em geral todas as matérias gravadas vão ao ar. Uma ou outra pode ficar de fora, ou por falta de complementação ou porque não se fechou o programa com outras matérias sobre o assunto. Mas é muito raro não usarmos material gravado.

- **Qual o tempo investido para a construção de um programa?**

Isto varia muito. Gravamos várias matérias para vários programas ao mesmo tempo. Um programa pode levar um mês ou mais para ser feito, não pelo trabalho de finalização, mas para gravação das matérias, porque muitas vezes temos que esperar por alguns acontecimentos no decorrer das matérias, já que fazemos acompanhamento de situações. Mas no caso de um programa factual, podemos gravar e finalizar em menos de uma semana.

- **No processo de edição, quais os critérios adotados? No geral, o jornalista é o ator principal ou a fonte? Ou não há regra?**

Os critérios são basicamente a notícia, a história, o material que foi gravado e o que podemos extrair dele da forma mais fiel possível. O repórter não deve se sobressair ao que ele está relatando e mostrando. Em alguns casos ele vira o narrador principal, em outros são os próprios entrevistados. A fonte também varia muito. Os repórteres produzem suas matérias com base em informações, muitas vezes colhidas antes, mas chegando ao local ele vai relatar a situação que encontrou. Vai fazer as entrevistas e, se for preciso, vai apurar o que foi dito, vai tentar checar os fatos, ouvindo outras pessoas, versões diferentes, etc. Nossa preocupação não é mostrar o certo, o errado, quem tem razão ou não, mas mostrar uma história de diferentes ângulos quando o assunto for polêmico.

- **O jornalista participa de todo o processo de edição ou indica possíveis caminhos?**

O jornalista sempre participa de tudo. Desde a discussão dos temas do programa, a apuração da pauta, coleta de dados, produção das viagens e reportagens. O repórter grava, traz o material, conversa com o editor. Juntos, definem o caminho da matéria. Isto não significa que a matéria seja o que o jornalista quer, mas ela se impõe porque é a própria essência da história contada. O que está gravado – e isto é uma vantagem da televisão – não pode ser alterado. O que as pessoas contam, o que as imagens mostram estão ali, são mais importantes do que qualquer texto ou interpretação.

- **Como é o dia a dia da equipe de edição?**

A edição apura informações complementares dos assuntos tratados (por exemplo, dados, pesquisas, fontes, caso haja necessidade de números, comparações, etc), assiste todo o material gravado (decupagem) e discute com o repórter um roteiro para o material gravado. Geralmente dividimos este roteiro em 3 ou 4 partes, podendo começar uma história numa delas e retomá-la na outra, na seguinte, até um desfecho final. O trabalho da decupagem é muito importante, porque assistimos tudo que foi gravado, todas as imagens, todas as entrevistas,

todas as intervenções do repórter para não perder nenhum detalhe que possa ser importante para a matéria final.

- **Depois da edição, outro profissional precisa aprovar o material? Ou qual o procedimento?**

O editor que fecha o programa (somos 4) é responsável por amarrar as reportagens de todos os repórteres, fazer a edição final misturando as matérias, dando sentido ao material. Quando o programa está montado, a editora chefe assiste o programa, junto com o apresentador (Caco Barcellos), discute eventuais cortes para ajustar o tempo do programa, faz algumas observações, quando necessário incluímos alguma coisa que ficou de fora. O programa é assistido várias vezes, mesmo porque no processo de finalização temos que colocar as artes, créditos (nomes das pessoas), verificar o áudio, fazer ajustes técnicos (isto fica a cargo dos editores de imagem, temos 4 nas ilhas de edição).

ANEXO C – Mônica Pinheiro (Chefe de Reportagem)

- **Qual as missões da chefe de reportagem ao chegar ao estúdio?**

Eu trabalho fixa na redação do Profissão Repórter. Sou a referência para os repórteres na rua. Coordeno a divisão de equipamento e transporte para as equipes, organizo escalas, dou suporte para os repórteres de acordo com as necessidades que vão surgindo. Cuido da logística das viagens também, que são muito frequentes no Profissão. E faço a ponte entre os repórteres e editores, quando eles estão na rua e precisam de uma orientação mais editorial.

- **Há reunião de pauta ou como se definem as pautas da semana? Quem é responsável pelas definições?**

Costumamos fazer nossas reuniões de pauta nas segundas ou terças. Todos trazem suas sugestões e discutimos bastante até decidir o que realmente vale investir ou não. A reunião é bastante democrática, mas a palavra final será da Janaina (editora-chefe), do Caio (editor-executivo) e do Caco. Eles, por sua vez, precisam submeter as pautas à direção geral de jornalismo da Globo. Até porque a direção tem noção do conjunto, pra que não ocorra, por exemplo, de uma pauta do Profissão Repórter coincidir com uma pauta do Fantástico. Mesmo que o assunto seja factual, precisamos sempre pensar em como fazer diferente, para que não seja tudo muito parecido. Os programas que não são jornalismo diário precisam ter recortes, abordagens diferentes sobre um mesmo tema.

- **Os assuntos abordados no Profissão Repórter, na sua maioria, são factuais ou pautas frias?**

Eu diria que não há regra para isso. Estamos sempre atentos para o factual. Às vezes, até mesmo um tema que parece frio tem um pé no que é factual. Por exemplo, no ano passado fizemos um programa sobre pessoas que precisam viajar longas distâncias para conseguir tratamento de saúde adequado. Uma das 3 reportagens mostrava o esforço das mães vítimas do vírus da Zica, no interior de Pernambuco.

- **Como é o processo de escolha das fontes? Há contato e agendamento prévio ou os repórteres chegam de surpresa? E vocês sugerem possíveis entrevistas?**

As fontes são escolhidas de acordo com a importância delas com relação aos temas tratados. O Profissão Repórter não costuma usar muito a análise de especialistas em suas reportagens. Queremos mostrar o cotidiano das pessoas, a realidade da vida das comunidades - sofrimento, hábitos, rotinas, misérias, sucessos, comportamento. Mostramos o que vemos, acompanhamos essa realidade de perto. A análise fica à cargo do telespectador. Nesse caso, nosso material mais rico está na rua. Quase sempre procuramos não antecipar muito as conversas. Fazemos o contato prévio quando é necessário, mas sem longas entrevistas por telefone. Dizemos que queremos acompanhar aquela pessoa, aquela família por algum tempo para conhecer a situação delas de bem perto. Todos sugerem personagens e suas histórias.

- **Você, enquanto chefe de reportagem, repassa aos repórteres estratégias para que eles conquistem a confiança das fontes?**

Sim, procuro orientar os repórteres no trabalho deles, mas não muito. O Profissão Repórter tem uma característica específica que é de trabalhar com jovens jornalistas que acabam de sair da universidade. Esse frescor, essa experiência de estar começando a vida profissional é conteúdo para o programa. Por isso temos um cuidado grande de não transmitir os possíveis vícios profissionais que adquirimos com o tempo de trabalho.

- **Quais os critérios levados em conta na elaboração do semanal?**

São inúmeros: a importância social, a atualidade, o sabor da história, a importância jornalística, o interesse do público e, especialmente no caso do Profissão Repórter, se a história tem uma ação que podemos acompanhar. Não queremos colocar o personagem de uma história sentado numa cadeira contando a rotina dele. Queremos conhecer a vida dele, onde ela acontece, acompanhar o seu dia a dia, ver junto as dificuldades que tem que enfrentar, ver o que causa alegria, o que o surpreende ou o que o prejudica. Se na história que estamos contando, o

personagem acorda de madrugada todos os dias e pega três conduções diferentes - e se isso é importante para a reportagem que queremos reportar - vamos fazer tudo isso junto com ele.

- **Todos os programas são gravados em uma semana? Ou sempre há alguma produção 'na manga'?**

Difícilmente um programa é produzido em uma semana. A não ser quando o assunto é factual. Aí pode até ser feito em 2 ou 3 dias. Em geral, trabalhamos em várias frentes. São várias equipes trabalhando em assuntos diferentes. À medida que as histórias vão acontecendo, os arcos narrativos vão se completando, priorizamos e organizamos a escala de programas no ar.

- **Qual a orientação com relação a off e preservação da identidade das fontes?**

Preservamos a identidade quando a exposição pode prejudicar uma pessoa. Mas, em geral, procuramos contar histórias de pessoas que têm rosto. É mais sólido. A realidade, às vezes, é dura, às vezes emocionante, às vezes divertida, às vezes surpreendente. E o rosto das pessoas estampa todos esses sentimentos. Queremos mostrar essas reações sem precisar usar recursos que escondem isso.

- **Como os repórteres conseguem a confiança das fontes? Há alguma orientação geral, considerando que são repórteres jovens?**

A orientação geral é ser honesto com as pessoas. Não escondemos aquilo que nos propomos a fazer. A confiança se adquire pela firmeza de atitude, que é por sua vez uma consequência da sinceridade do propósito.

ANEXO D – Luiz Felipe Saleh (Cinegrafista)
Atua desde dezembro de 2014 no Profissão Repórter

- **Como é o dia a dia do cinegrafista?**

Os repórteres cinematográficos participam, como os repórteres, das reuniões de pauta, podendo sugerir temas, discutir formas de abordagem. Desta forma, o profissional, que também tem formação jornalística, se apresenta mais integrado ao assunto durante as captações.

Os repórteres e editores do programa atuam também como produtores das reportagens. Assim que são decididas as formas de abordagem a equipe é montada em dois modelos mais comuns: a vídeo-reportagem, que é o repórter saindo para gravar com a câmera, sozinho, ou com algum auxiliar. O outro modelo é a equipe clássica de um repórter e um repórter cinematográfico, com um auxiliar. Então, respondendo sua pergunta, o dia a dia do repórter cinematográfico depende das demandas de gravação e das reuniões de pauta na redação.

- **Quantos cinegrafistas acompanham os repórteres a campo?**

Um só. Quando não é vídeo-reportagem (repórter grava e faz as entrevistas).

- **O cinegrafista participa, também, do processo de edição das matérias?**

Temos uma equipe muito integrada. Onde todos participam de todo processo (produção, captação e edição), se houver interesse. Não somos obrigados, mas sempre que podemos ajudamos na edição, tanto de texto como de imagem. Nossas sugestões podem ajudar pois estávamos presentes na captação e sabemos bastante sobre os assuntos.

- **Como é a relação cinegrafista x repórter? O jornalista sugere ângulos de filmagem ou o cinegrafista é livre para fazer da forma como achar melhor?**

A gravação do Profissão Repórter é muito dinâmica. Tentamos captar todos os detalhes da história, mas de forma muito instintiva para não perdermos as ações espontâneas dos personagens. Durante as gravações as conversas entre repórter e repórter cinematográfico são constantes. Tanto o repórter sugere ângulos de filmagem, como o repórter cinematográfico sugere ângulos de abordagem.

- **Quando uma fonte pede para não ser gravada, como vocês procedem? Ou isso dificilmente ocorre?**

Esta é uma situação comum no nosso dia a dia. Existem várias ocasiões e cada uma delas nos exige um tipo de atuação. Acima de tudo temos que ter respeito à pessoa. Quando personagens não querem se identificar, mas o que eles têm à falar é muito importante, negociamos com os mesmos. Podemos filmar só as mãos, um "superclose" em alguma parte do rosto, imagem em contraluz, dentre outras técnicas.

Outra situação é quando se decide não revelar a identidade do entrevistado na edição. Aquele famoso borrão é colocado na pós-produção.

- **Podemos ver que o Profissão Repórter se diferencia dos demais programas por mostrar, de fato, o trabalho do jornalista. Assim, de certa forma, o repórter acaba sendo o centro das atenções. Vocês recebem alguma informação de que o repórter deve aparecer mais ou como é?**

Não existe essa orientação, do repórter aparecer mais por aparecer. Tudo depende do assunto e da abordagem. O programa se dedica a mostrar os assuntos de maneira mais isenta possível e revelando, quando necessário, situações dos bastidores. O que aproxima o telespectador da ação.

ANEXO E – Alexandre Grammont (Editor)
Atua há cinco anos na TV Globo e há três no Profissão Repórter

- **Como se dá a definição das pautas semanais do Profissão Repórter?**

Uma vez por semana a equipe se reúne para discutir as próximas pautas. Depois de ouvir todas as sugestões, decidimos em conjunto quais são as melhores propostas. Para chegar nelas, nos fazemos algumas perguntas: qual a relevância? Existe algum aspecto inédito? Há uma ação que conduza o tema? Teremos um bom acesso ao local ou ao acontecimento em questão? Tudo isso é levado em conta na hora de decidir quais pautas têm potencial para virar um programa do Profissão Repórter.

- **Aposta-se, na maioria das vezes, em assuntos factuais ou pautas frias?**

Não é sempre que um factual sobrevive por uma semana de exposição nos meios de comunicação. Muitas vezes, a cobertura dos jornais diários pode esgotar um assunto ou acontecimento, deixando o tema “velho” para o Profissão Repórter. Mas sempre que possível, o programa tenta entrar nessas coberturas de grande impacto, buscando um jeito diferente para contar a história.

- **Todas as matérias produzidas são veiculadas? Se não, qual o critério que define que a matéria fique de fora?**

Raramente matérias produzidas não vão ao ar. Como há um processo de apuração e depuração da pauta, nossas equipes vão às ruas com elementos suficientes para voltar com boas reportagens. Mas quando surge um acontecimento de grande importância, podemos abrir mão de matérias já produzidas para exibir o factual.

- **Como é o processo de escolha das fontes? Há contato e agendamento prévio ou os repórteres chegam de surpresa?**

As duas situações são possíveis, dependendo da pauta. O Profissão Repórter dá preferência para uma aproximação natural, sem produção prévia. No entanto, viagens internacionais ou de longa distância exigem um contato anterior mais detalhado, para que o investimento financeiro não corra riscos.

- **Qual o tempo investido para a construção de um programa?**

Grandes factuais exigem agilidade. Quando isso ocorre, realizamos um mutirão, nos dividimos em turnos para montar o programa o mais rápido possível. Alguns programas começaram a ser gravados apenas três dias antes da exibição. Outros programas, no entanto, são de longo acompanhamento de uma história, e podem levar meses para ir ao ar.

- **Existe alguma orientação visando que os repórteres conquistem a confiança das fontes, levando em conta que os repórteres são jovens?**

A orientação é sempre ser honesto com relação ao programa que estamos fazendo. Jamais nossos repórteres tentam enganar os entrevistados para conseguir boas histórias.

ANEXO F – Janaina Pirola (Editora-Chefe)

Atua praticamente desde o início no Profissão Repórter. Como editora-chefe está há três anos.

- **Como se dá a definição das pautas semanais que vocês elencam para o Profissão Repórter? Como é esse ajuste? Vocês tem alguma reunião semanal ou, daqui a pouco, diária?**

A gente tem uma reunião semanal, que é toda segunda-feira. A gente não tem a figura do produtor no programa. Os próprios repórteres são seus produtores. Então, é o repórter que produz e sugere a sua reportagem. Nessa reunião a gente expõe, cada repórter, cada um pode dar sua sugestão de pauta. Não é só uma atribuição do repórter, todo mundo tem a obrigação aqui de apresentar pauta. Quem tiver uma pauta, uma sugestão, um assunto, expõe pro grupo inteiro e a gente debate se aquilo tem relevância pra gente, se serve pro nosso formato, como aquela reportagem pode estar num programa com mais duas outras reportagens. A gente também imagina e pensa como a gente poderia ampliar pra fazer parte de um programa, porque a gente tem, em média, três histórias por programa. Uma boa ideia precisa chegar acompanhada de, essa boa ideia precisa derivar pra duas outras boas ideias também, duas outras reportagens.

- **Mas, então, todas essas ideias, todos esses cases, eles falam sobre um mesmo tema?**

Vamos pegar o programa sobre o Feminismo que a gente fez. Lembro que eu propus fazer a Lola, na internet e tal, com foco nas ameaças, como as feministas ameaçadas. Ameaças de morte, perseguição e tal. Aí a gente imaginou: tudo bem, temos essa matéria. Quais outras duas, dois assuntos correlatos ou complementares podemos fazer para fechar um programa, porque uma matéria só não faz um programa. A gente precisa ter mais de dois assuntos. Então, geralmente são assuntos que se complementam, que giram, mais ou menos, sobre o mesmo tema. O programa era o novo feminismo... quais são as outras duas reportagens que vão retratar esse novo feminismo?

- **Na maioria das vezes, nas reuniões, Janaína, os assuntos são factuais ou pautas frias, ou isso não tem uma medida e sim conforme o que está ocorrendo naquela semana?**

A gente tem de tudo um pouco. Então, assim: se nós estivéssemos no ar, por exemplo, a gente teria virado programa de terça-feira agora sobre essa grande enchente que teve no Estado de São Paulo, porque é um assunto que matou muita gente, mexeu com a vida de muita gente, é um assunto que a gente consegue correr rápido porque está aqui do nosso lado e a gente conseguiria fechar um programa. Então, provavelmente, a gente teria derrubado o programa. E tudo depende também. Se terça-feira fosse um programa ligado ao factual, a gente teria que fazer essa avaliação: será que se a gente derrubar o programa não vai ficar muito velho? Então a gente teria que fazer essa leitura também. Na verdade é uma decisão muito complexa essa de derrubar o programa e fazer um factual ou não.

Mas voltando lá para as pautas... então a gente tem essa possibilidade de derrubar um programa que já está pronto para fazer, assim, rapidamente, um programa para pôr no ar, quando factual é muito forte. Mariana, por exemplo, a gente acabou não fazendo, mas a gente poderia... mas Mariana é um programa que valeria a pena você derrubar e correr pra fazer pra colocar no ar. São programas de crises, acidentes, esse tipo de programa a gente consegue fechar rapidamente. Invasão das escolas é um programa que a gente começou a gravar na quinta-feira e terça-feira estava no ar, a das escolas aqui que o Alckmin quis, com o novo plano de reorganização escolar, ele queria fechar escolas, fazer transferências de alunos. A coisa começou a ficar muito quente na quarta, na quinta-feira, a gente resolveu abandonar o programa que a gente tinha na terça-feira, que era um programa frio, era um programa bom, mas era um programa programa frio, era um programa sobre os brasileiros que ainda não têm energia elétrica em casa. Era um programa que poderia esperar, que a gente podia empurrar para frente, mais uma semana ou duas semanas para frente que não ia fazer diferença. Então a gente tomou essa decisão de, não, o negócio está quente, vamos virar, fazer um plantão nas escolas para virar esse programa para a próxima terça-feira. Então a gente toma decisões dia a dia, na verdade. A gente tem reunião de pauta, onde podem ser propostas de programas frios ou um programa que tenha uma reportagem factual e outras duas que se complementam. Por exemplo: a discussão da maioria penal. No programa, a gente fez: uma matéria mostrava a semana que o tema foi debatido no Congresso.

Então essa era a parte política, da decisão política. Esse era um VT factual. E a gente fez outras duas reportagens para complementar o tema. Então, esse mix, pra gente, também é muito interessante. A gente pega uma coisa factual e pega outras duas reportagens para complementar a matéria factual. Ou um programa completamente factual, que a gente vira do dia para a noite, ou programas mais frios, como é esse programa que eu citei agora, da falta de luz, que a gente decidiu empurrar para colocar o programa sobre as escolas no ar. Então é um jogo complexo assim. Então a gente tem essa reunião todas às segundas-feiras, mas a gente tem pequenas reuniões de pauta ao longo da semana, durante todos os dias, até porque a gente tem que ajustar. A gente decide fazer um programa tal, mas ao decidir por esse programa você tem muitas coisas implicadas: uma reportagem ou um entrevistado desiste, a história não era bem assim, tem um dado melhor... então a gente vai ajustando a produção e a reportagem até o programa sair. É uma conversa dia a dia. Oficialmente na segunda-feira, mas fala-se sobre pauta e condução de reportagem todos os dias.

- **Em média, Janaina, em quanto tempo vocês constroem um programa? Leva uma semana para construir o próximo ou vocês já tem alguns na “manga”?**

Então, é um jogo. Trabalho com programas que eu posso fazer em quatro ou cinco dias, factuais, que a gente vira o jogo rapidamente. Tem programas mais frios. Os programas mais frios a gente leva, mais ou menos, em média, umas três semanas para fazer. E esses programas mistos, que você tem uma matéria factual e outras duas reportagens, que a gente faz em duas semanas ou uma. Então, na verdade, o nosso cardápio a gente trabalha, mais ou menos, com seis ou sete programas ao mesmo tempo. São mais ou menos 21 reportagens que a gente vai discutindo ao longo do tempo. Aí eu tenho um jogo: eu não posso ter sete programas que eu vou levar ou um mês pra fazer ou dois meses pra fazer. Alguns programas a gente faz acompanhamento. Por exemplo: a gente vai acompanhar uma pessoa que vai fazer um tratamento de crack; esse tratamento vai durar seis meses. Então a gente tem um ou dois programas de após, que a gente vai lá captando, vendo o que que vai acontecer. A hora que estiver consistente a gente se

mobiliza para achar as outras duas reportagens e colocar no ar. Mas eu não posso ter as sete reportagens assim, porque se não eu não tenho um programa por semana pra colocar no ar. Então, tem que ser um cardápio bem misto assim, um programa mais imediato, de médio, e de longo prazo.

- **Quais são os critérios de noticiabilidade que vocês levam em conta na elaboração do programa?**

A gente procura não falar muito do passado, porque o Profissão Repórter se propõe a mostrar como as coisas acontecem. Então, vou te dar um exemplo: se a gente vai fazer uma matéria, por exemplo, que você quer mostrar como um trabalhador gasta tempo no deslocamento. A média é 3 horas por dia, em São Paulo, por exemplo. Para a gente não vale somente uma entrevista que o trabalhador fala: “Ah, eu fico muito cansado, porque eu levanto muito cedo, eu gasto 5 horas só no transporte público”. Como é que o Profissão Repórter faz: ele vai levantar lá de manhã com cara, vai tá lá na porta dele às 3 horas da manhã e vai pegar estes 5 ônibus durante o dia que ele pega. A gente não coloca o uniforme do trabalhador, a gente não toma lugar dele. A gente fica ao lado dele, acompanhando. Então, assim: não me diga como é a sua vida, me mostre. A gente registra como esse cansaço, como ele realmente acontece. Então, na nossa reunião de pauta, não é qualquer pauta que serve pra gente, porque o formato do programa pede esse acompanhamento. Se a gente não tiver coisas acontecendo, fica um material fora do nosso formato, fora do que a gente se propõe. Então, não é qualquer pauta que serve pra gente. Pauta sobre o passado, por exemplo, isso até a gente pode ter numa das três matérias uma pauta que fale mais sobre o passado, que seja mais parada e tal, mas as outras duas reportagens elas precisam ter uma movimentação, um registro das ações, coisas desse tipo.

- **E todas as matérias, Janaina, que são produzidas na semana elas têm a veiculação ou já aconteceu em algumas hipóteses de alguma matéria que tenha sido produzida ter ficado de última hora de fora?**

O que acontece muito é a gente ir pensando passo a passo, porque sabe que as coisas mudam. Às vezes você quer acompanhar um trabalhador, mas aí o cara ficou doente. E aí, o que que a gente faz? A gente troca o trabalhador, diz que ele ficou doente, espera ele se recuperar pra começar. Então a gente tem ajustes que são feitos dia a dia. A gente dificilmente joga assim, acontece, claro, jogar fora uma coisa que a gente desistiu, porque a gente vai razoavelmente bem informado na hora que a gente decide captar uma reportagem. Claro que às vezes dá errado, não era bem assim, o cara deu informação errada, acontece. A gente pode ir e não rendeu, o cara não quer mais, desistiu. Então, o que a gente mais faz é reformular a reportagem, repensar nos caminhos e não abandonar a pauta.

- **E você, enquanto editora-chefe, Janaina, indica possíveis caminhos para a produção na reportagem?**

Ah! O tempo inteiro. Essa talvez seja a função número 1: sugerir pautas, pensar o caminho, porque a gente tem constantemente assim gente nova no programa, que precisa entender o formato, que precisa entender como a gente trabalha. Então, essa é uma das minhas principais funções. É saber e cuidar desse formato, pra que o jeito Profissão Repórter de construir histórias seja mantido. Então esse é um trabalho meu, eu fico aqui fazendo exercícios de imaginação, como que isso pode ser, como é que não é, sugiro refações e outros caminhos, isso é uma coisa que, além de sentar na ilha e fazer o fechamento, esse trabalho durante a reportagem é muito importante. Se descuidar a coisa não sai. Tem que ter um olhar muito próximo, muito de parceria com os repórteres e com os editores também.

- **E quanto ao processo de seleção das fontes que são entrevistadas, elas são definidas antes e a entrevista é marcada ou o repórter vai até o local e lá ele encontra sua fonte? Como é que é isso?**

Ah, depende de caso a caso. Claro que se você vai fazer uma reportagem em que o início dela, o que te levou a fazer essa reportagem é uma informação macro, vamos supor: aumentou o número de casos de microcefalia no Recife, é claro que você tem que ter, você tem que avaliar essa fonte, se é uma fonte confiável, porque você, afinal de contas, vai fazer essa matéria em cima desse dado. Uma vez que você tenha uma fonte confiável pra começar a sua reportagem, é claro que você vai conversar com inúmeras pessoas ao longo da sua reportagem, pessoas que estão mais próximas, não só o pesquisador que tenha esse dado macro, mas a enfermeira que atende os casos. As fontes podem falar sobre o universo e a avaliação da credibilidade dessa fonte fica bastante na mão do repórter, porque são pessoas que quem vai conhecer essa fonte pessoalmente, principalmente essas fontes que falam mais sobre o universo menor, é o repórter, porque o repórter que está em campo. A edição ajuda bastante também no levantamento de dados, mas essa coisa mais próxima, essa checagem mais próxima, é o repórter que faz porque é ele que está lá. E é uma checagem que tem que voltar junto com a matéria, faz parte do conteúdo.

- **Com relação a off e, daqui a pouco, preservação de identidade de alguma fonte, isso já tem acontecido em alguma reportagem do Profissão Repórter onde a fonte preferiu não se identificar? Como vocês procedem quanto a isso?**

A gente sempre batalha, assim, para conseguir pessoas que falem de rosto aberto, sobre o assunto da pauta. É claro que a gente tem caso a caso. É muito difícil conseguir, por exemplo, uma sonora de rosto aberto de uma mulher que fez aborto, que aborto é crime no país. Então, é claro que a gente entende e não tem como ser diferente. Agora, pessoas de rosto fechado falando coisas delicadas, fazendo acusações, daí a gente avalia, porque qualquer um pode esconder o rosto e falar que o prefeito roubou três milhões em merenda. Então isso pra gente não vale. Uma pessoa que faz uma acusação desse porte de rosto fechado. É que são casos

muito específicos, a gente precisa avaliar o universo, o contexto de tudo isso. Mas a nossa batalha é que as pessoas apareçam, que queiram estar na reportagem. A gente foge um pouco de pessoas que queiram falar de rosto fechado. A gente procura ir atrás de pessoas dispostas a falar sobre o assunto da reportagem. Menor de idade é uma questão muito delicada, você precisa proteger a identidade em situações de constrangimento, se a pessoa aparecer os pais precisam estar na reportagem cientes da participação do filho e sobre o que é o tema. É caso a caso também.

- **E a questão de câmeras escondidas, Janaína, vocês já chegaram em alguma situação de ter que fazer o uso delas para gravar alguma denúncia, algo nesse sentido?**

A gente raramente trabalha com câmera escondida, que é mais ou menos o mesmo conceito do rosto escondido. A gente batalha pelos acessos. Câmera escondida a gente já fez cenas de hospital lotado, coisas assim, mas é muito pontual. A gente foge disso também. Por exemplo: matéria de aborto é uma dificuldade para a gente fazer, porque a gente não entra em clínica de aborto com câmera escondida, não é nosso perfil. A gente prefere tentar conseguir o acesso. É muito difícil. Tem coisas que a gente não consegue fazer e a gente prefere não fazer. Se a gente não consegue fazer de câmera declarada, a gente prefere não fazer câmera escondida, aí não faz a reportagem, abandona a pauta. Isso é um critério nosso, é uma decisão aqui editorial, não falo em nome da Globo, tô falando aqui do Profissão Repórter. É um jeito que a gente prefere trabalhar. Se é bom ou ruim, se é legal ou não, cada um tem o seu conceito. A gente prefere batalhar pelos acessos. E onde a gente não consegue entrar a gente prefere não fazer.

- **E para conseguir conversar com essas fontes que, às vezes, preferem não “mostrar a cara”, digamos assim, claro que o repórter precisa conquistar a confiança dessas pessoas. Vocês têm alguma orientação que vocês repassam para esses repórteres antes de eles irem a campo, de fato?**

A orientação básica é respeitar o seu entrevistado. Você não pode falar que a reportagem vai ser sobre flores e falar sobre melancia. Então, assim, o entrevistado, o que topa aparecer, ele tem que saber em que reportagem ele estará aparecendo. É jogar limpo. É conquistar os acessos da forma mais cristalina possível. A gente não engana ninguém, a gente não promete nada pra ninguém, a gente abre o jogo. A reportagem é sobre isso, está afim de falar? Claro que a gente tem nossas armas de convencimento e tal, mas a gente não expõe ninguém ao risco. Inclusive, tem muita gente que topa aparecer, mas a gente chega aqui na avaliação da edição do programa, e a gente resolve esconder a pessoa, porque às vezes ela não tem noção do perigo ou da consequência daquilo que ela está falando. Então, muitas vezes, é uma decisão nossa aqui não mostrar a pessoa, porque são pessoas mais simples, humildes, elas não têm a noção exata do impacto que aquela fala dela vai ter. Então, muitas vezes as pessoas topam, mas a gente barra aqui, porque a gente se preocupa e muito com as consequências do que a gente está mostrando.

- **E o Profissão Repórter, Janaína, ele é considerado um programa investigativo pelo fato de que...**

Olha, investigativo, assim, no rigor da palavra, não sei se eu concordo muito. Eu prefiro dizer que o Profissão Repórter gasta tempo, acompanha junto o desenrolar dos acontecimentos. Eu acho que isso seria uma coisa mais adequada assim. Investigativo no sentido de mostrar, talvez, o que outros não tiveram tempo de mostrar ou não se atentaram para isso. Mais do que ficar revirando número e tal. Investigativo eu acho que seria mais correto falar, que é um programa que preza pela reportagem, pelo repórter indo buscar informação, gastando sola de sapato, indo até o fim. Acho que menos investigativo assim no sentido de ser denunciata, mas é mais no sentido assim de valorizar reportagem, dar tempo para o repórter mostrar, por completo, uma situação. Acho que é mais nesse sentido.

- **E quanto aos cinegrafistas que acompanham os repórteres a campo, para eles é repassada alguma orientação? Olhando de fora, a gente vê que, na tela, aparece a construção da reportagem, o repórter indo até a fonte, conversando com fonte, e qual é a orientação assim que vocês passam para os cinegrafistas?**

O Profissão Repórter é um programa que se propõe a mostrar a reportagem e mostrar o processo. Mostra o papel do jornalista. Para isso, o que precisa fazer? Precisa gravar mais. Então, o cinegrafista que trabalha no Profissão Repórter trabalha muito mais. Ele aperta o REC e fica com REC apertado por muito mais tempo, porque são duas coisas que você precisa gravar. Você não pode ligar a câmera só no momento em que a coisa vai acontecer, você tem que mostrar tudo o que aconteceu até aquela coisa acontecer. Então, o cinegrafista é uma parte essencial do trabalho, dessa construção do bastidor do processo. Se é um cinegrafista que não topa, não gosta, não vai funcionar, porque ele tem que ser um parceiro, ele tem que mostrar o processo, o processo misturado com uma reportagem. Então grava-se muito. Os cinegrafistas precisam ser pessoas muito dispostas e muito bem informadas sobre o tema da reportagem, porque se ele não estiver bem informado sobre o tema da reportagem ele também não vai conseguir perceber o que é importante captar, porque não é captar tudo, também é captar tudo o que interessa para a construção do processo e da reportagem em si.

- **E depois que os repórteres recolhem o material a campo, eles chegam na redação do Profissão Repórter e repassam o material a ti ou qual o processo depois pra fechar a matéria?**

Nós temos 4 editores de texto e a gente acha que o repórter precisa também ter domínio da edição, porque o melhor repórter é aquele que tem a noção de como aquela história vai ser contada. Então, a gente também quer formar repórteres editores, que saibam organizar a história que eles querem contar. Isso é um exercício que ajuda muito na próxima vez que o repórter for pra rua. Ele vai saber porquê exatamente ele está gravando aquilo, como é que aquilo vai entrar dentro da história dele. Ele é um repórter roteirista. O repórter que mais tem noção de edição é a melhor reportagem que você vai ver no ar. Então a gente tem: os editores de texto que ajudam muito nesta formação do repórter roteirista, do repórter editor, que ajuda

na decupagem das reportagens e no fechamento do roteiro. É um trabalho em conjunto a edição de cada reportagem. Repórter muito próximo do editor. Alguns repórteres até editam, nossos editores de texto também, um primeiro corte na ilha de edição. A gente tem ilha de edição também dentro da redação. Então ele já monta um primeiro modelo do que vai ser a reportagem e depois eles mandam para os editores de imagem profissionais, digamos assim, que vão fazer todo o acabamento, vão cortar, vão enfim... vão deixar a reportagem pronta. Mas a proposta é que o repórter esteja sempre muito próximo da edição final do programa dele, desse primeiro corte.